



Campus Universitário de Almada
Escola Superior de Educação Jean Piaget

Isabel Cristina de Almeida Xavier Palaio

**A abordagem do Estudo do Meio numa prática interdisciplinar: Perspetivas de
docentes do 1.º ciclo do Ensino Básico**

Relatório Final de Prática de Ensino Supervisionada

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Orientadora: Professora Doutora Ana Cristina Cruz Gonçalves

Almada, 2021

Isabel Cristina de Almeida Xavier Palaio

**A abordagem do Estudo do Meio numa prática interdisciplinar: Perspetivas de
docentes do 1º ciclo do Ensino Básico**

Relatório Final de Prática de Ensino Supervisionada

Apresentado com vista à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar / Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico (2.º ciclo de estudos), ao abrigo do Despacho n.º 1105/2010 (Diário da República, 2.ª série – n.º 10 - 15 de janeiro de 2010).

Orientadora: Professora Doutora Ana Cristina Cruz Gonçalves

Almada, outubro, 2021

Eles não sabem, nem sonham
Que o sonho comanda a vida
E que sempre que um homem sonha
O mundo pula e avança
Como bola colorida
Entre as mãos de uma criança

(António Gedeão)

Agradecimentos

Chegada a esta etapa é com carinho que enalteço as pessoas que me acompanharam ao longo destes cinco anos de formação académica.

Em primeiro lugar agradeço a todos os docentes da Escola Superior de Educação Jean Piaget de Almada, pelos ensinamentos e conhecimentos transmitidos, que muito contribuíram para este percurso e também aos funcionários desta instituição, pela sua simpatia e apoio prestado, nomeadamente a Sr^a Fátima pelos sucessivos empréstimos de livros e sempre com um sorriso nos lábios.

À Professora Doutora Ana Cristina Gonçalves, minha orientadora, um sincero agradecimento pelos ensinamentos, pelo carinho, pela dedicação, disponibilidade e todo o apoio prestado.

Às colegas de curso pelo companheirismo, amizade e partilha de saberes com que me brindaram, especialmente nos momentos menos bons. À Sara e à Carolina o meu obrigada pela vossa paciência e disponibilidade para mim.

À Susana Nunes pelo bonito início desta história, que tanto me ajudou e incentivou, também ela uma guerreira!

A toda a equipa educativa com quem tive o privilégio de trabalhar, quer pela riqueza dos ensinamentos e de partilha, quer pela simpatia e carinho com que me presentearam e às crianças que tive o privilégio de conhecer durante este caminho, que tanto me ensinaram e me acolheram de uma forma pura e carinhosa, que só as crianças sabem...

À família, pais, sogros que me auxiliaram de diversas formas para eu não desistir do sonho. Ao meu sogro, grande amigo, que onde estiver estará certamente a cuidar de mim e dos meus. (*In memoriam*)

E por fim um agradecimento maior ao meu marido Fernando, pela compreensão das ausências, mas sobretudo pelo seu amor e apoio incondicional, que desde o primeiro minuto me incentivou e como ele diz “tenho muito orgulho em ti”. Ao meu filho André, o meu amor maior, a razão de tudo na minha vida.

Resumo

O presente relatório final de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, insere-se no âmbito da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada e visou identificar e compreender a valorização da área de Estudo do Meio, numa perspetiva interdisciplinar, em contexto de sala de aula numa turma de 2º ano, do 1º ciclo do ensino básico.

Este estudo foi realizado durante o estágio de 1º ciclo e de forma a validar a questão definida, foi utilizada a metodologia qualitativa e interpretativa. Em relação à técnica de recolha de dados, a mesma foi baseada na observação direta, recolha de fotografias, notas de campo e entrevistas de perguntas abertas.

Realizou-se, assim, entrevista semiestruturada e informal a quatro profissionais de educação: quatro professores do 1º Ciclo do Ensino Básico com o propósito de compreender a importância da área de Estudo do Meio, numa perspetiva interdisciplinar.

A relevância atribuída à área de Estudo do Meio é fulcral ao desenvolvimento de novas aprendizagens partindo das experiências, que a criança em interação com o meio e com os seus pares vai construindo, devido à sua natureza interdisciplinar o Estudo do Meio promove igualmente uma articulação de variados saberes.

Palavras-chave: Currículo; Estudo do Meio; Valorização Curricular; Interdisciplinaridade;

Abstract

This final report of the master's degree in Pre-school Education and Teaching in the 1st Cycle of Basic Education, is part of the Supervised Teaching Practice course and aimed to identify and understand the valorization of the area of Environmental Study, in an interdisciplinary perspective, in a classroom context in a 2nd year class of the 1st cycle of basic education.

This study was conducted during the 1st cycle internship and in order to validate the defined question, the qualitative and interpretative methodology was used. Regarding the data collection technique, it was based on direct observation, collection of photographs, field notes, and open-ended interviews.

Thus, semi-structured and informal interviews were conducted with four educational professionals: four teachers of the 1st cycle of basic education with the purpose of understanding the relevance of the area of environmental studies in an interdisciplinary perspective.

The importance given to the area of Environmental Study is central to the development of new learning based on the experiences, that the child builds in interaction with the environment and with his peers; due to its interdisciplinary nature, the Environmental Study also promotes an articulation of various types of knowledge.

Keywords: Curriculum; Middle Study; Curriculum Enhancement; Interdisciplinarity.

Índice Geral

Agradecimentos	I
Resumo	II
Abstract.....	III
Índice Geral	IV
Índice de Anexos	V
Índice de Figuras	VI
Índice de Fotografias	VI
Índice de Gráficos.....	VI
Índice de Quadros	VI
Índice de Tabelas	VII
Abreviaturas.....	VII
Introdução	1
Capítulo I: Os primeiros passos - Contextualização da Prática Profissional	3
1.1. Caracterização da entidade cooperante e do meio	6
1.2. O Projeto Educativo – Pluralidade: Inclusão, Diversidade, Sucesso.....	7
1.3. A sala do pré-escolar – organização do espaço	8
1.3.1. A sala do 2.ºano do 1º ciclo – organização do espaço.....	9
1.3.2. O grupo de pré-escolar	10
1.3.3. A turma do 2.º ano.....	12
1.3.4. Relações sociais entre a turma	13
1.3.5. Dados específicos da turma do 1º ciclo.....	14
1.4. Desenvolvimento da prática supervisionada e problematização da questão de partida	16
Capítulo II: - A caminhada – Fundamentação Teórica	19
2.1. Breve abordagem à reforma do sistema educativo em Portugal.....	19
2.2. Mudanças na organização curricular	20
2.3. Currículo e flexibilidade curricular.....	21
2.4. Áreas curriculares do Ensino Básico do 1º ciclo	23
2.5. O Estudo do Meio e sua interdisciplinaridade em diversas áreas.....	27
Capítulo III: - A chegar – Metodologia	30
3.1 Paradigma de investigação.....	30
3.2 Intervenientes no estudo	32

3.3 Instrumentos de recolha de dados	32
3.4. Análise à recolha de dados.....	34
Capítulo IV: - Projeto de Intervenção	35
4.1. Projeto de intervenção (problemática)	35
4.1.2. Fundamentação do projeto	35
4.1.3. Objetivos	36
4.1.4. Procedimentos	37
4.2. Avaliação do projeto	40
Capítulo V: – A Meta - Interpretação dos dados e sua análise	43
5.1. Apresentação e análise das atividades desenvolvidas na PES em 1º ciclo	43
5.2. Síntese das atividades decorrentes na PES II.....	50
5.3. Apresentação e análise das entrevistas	50
5.3.1 Discussão dos resultados	59
Capítulo VI: – Considerações Finais	63
Referências bibliográficas:	66
Referências digitais:	69
Legislação consultada:.....	69
Apêndices	70
Anexos	A

Índice de Anexos

Anexo I – Declaração de autorização de depósito no repositório comum.....	F
Anexo II – Licença de distribuição não exclusiva – repositório comum.....	G

Índice de Apêndices

Apêndice A – Guião das entrevistas	71
Apêndice B – Transcrição das entrevistas	72

Índice de Figuras

Figura 1 – Matriz curricular do 1.º ciclo	26
Figura 2 - Ficha formativa sobre profissões e serviços	C
Figura 3 - Ficha formativa “Gráfico humano dos serviços”	D
Figura 4 - Ficha formativa “Um passeio à beira-mar”	E

Índice de Fotografias

Fotografia 1 – Ficha formativa Bicas e Azul	44
Fotografia 2 – Nome eleito para a cidade	45
Fotografia 3 – Atividade puzzle dos serviços	46
Fotografia 4 – Registo coletivo da atividade um passeio à beira-mar	49
Fotografia 5 – Conclusão do projeto	49

Índice de Gráficos

Gráfico 1 – Representação do sexo Feminino e Masculino no grupo de Pré-Escolar... 10	10
Gráfico 2 – Representação da distribuição das idades do grupo	10
Gráfico 3 – Representação do sexo Feminino e Masculino na turma de 2.º ano..... 12	12
Gráfico 4 – Representação da distribuição das idades da turma	12

Índice de Quadros

Quadro 1 – Quadro de Acções	39
--	----

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Características dos intervenientes no estudo	32
Tabela 2 – Procedimentos/Estratégias do projeto interventivo	38
Tabela 3 – Fichas sínteses de análise às entrevistas	57

Abreviaturas

AAAF – Atividades de Animação e Apoio à Família (Educação Pré-Escolar)

AE – Aprendizagens Essenciais

AEC – Atividades de Enriquecimento Curricular

CAF – Componente de Apoio à Família (1º ciclo do ensino básico)

CNEB – Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais

DAC – Domínios de Autonomia Curricular

EMAEI – Equipa Multidisciplinar de Apoio à Educação Inclusiva

LBSE – Lei de Bases do Sistema Educativo

ME – Ministério da Educação

OCEPE – Orientações Curriculares em Educação Pré-Escolar

PALOP – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

PES – Prática de Ensino Supervisionada

COMO TUDO COMEÇOU - Introdução

Enquanto não alcances, não descanses, de nenhum fruto queiras só metade

(Miguel Torga)

As diretrizes sustentadas no presente relatório final surgem no âmbito da Unidade Curricular de Prática de Ensino Supervisionada (PES), para obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º ciclo do Ensino Básico, sob orientação da professora doutora Ana Cristina Gonçalves.

A PES referente ao curso de Mestrado realizou-se em dois momentos distintos, o primeiro momento realizado na valência de jardim de infância e o segundo, realizado em contexto de 1.º ciclo do ensino básico, ambos na mesma escola.

Procurou-se integrar a experiência profissional, com os saberes adquiridos em contexto de estágio, tendo sempre presente os ensinamentos da componente académica.

O tema resultante do trabalho de investigação centrou-se na área de Estudo do Meio e manifestou-se na valência de 1.º ciclo, numa turma de 2.º ano de uma escola pública, do concelho de Almada.

A temática do projeto interventivo surgiu, após observação da prática diária constatando-se ser necessário intervir, na área de Estudo do Meio e assim potenciar o cariz interdisciplinar. A relevância da área de Estudo do Meio é fundamental e segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2016) inicia-se desde o ensino pré-escolar onde “a introdução às diferentes ciências inclui, (...) a abordagem de aspetos científicos que ultrapassam as suas vivências imediatas”. (p.88)

Perante este pensamento e após análise cuidada aos temas curriculares, surgiu a ideia de construir uma cidade em maquete, onde todos os temas iriam ser abordados em articulação com as restantes áreas.

Ao longo do estágio procuramos sempre desenvolver atividades interdisciplinares, dado que essa metodologia não era a privilegiada pela professora cooperante. A interdisciplinaridade segundo o dicionário *on-line* Priberam significa “relações entre várias disciplinas ou áreas de conhecimento; comum a várias

disciplinas”. E foi perante a articulação dos vários saberes, que o projeto interventivo se delineou, sendo uma mais-valia para uma aprendizagem integradora.

Tendo em conta a prática realizada, o estudo desenvolvido visou compreender e identificar, a valorização, que os professores do 1.º ciclo de uma escola pertencente a um Agrupamento de Escolas em Almada, atribuem à área de Estudo do Meio. Considerando que a área de Estudo do Meio é uma área curricular interdisciplinar, partiu-se pra este estudo com a seguinte questão norteadora:

“Qual é a valorização que os professores de 1.º ciclo atribuem ao Estudo do Meio, numa perspetiva interdisciplinar?”

Por conseguinte recorreu-se à metodologia de investigação-ação que segundo Afonso (2014) a descreve como “simples”, alusiva ao seu autor, John Elliot que afirma tratar-se do “estudo de uma situação social com o objetivo de melhorar a qualidade da ação desenvolvida no seu interior” (Afonso,2014, p.78). Para uma melhor clarificação do presente estudo recorreremos a autores de referência, para responder ao problema e às questões colocadas.

Em relação às técnicas e instrumentos de recolha de dados, procedeu-se a uma investigação qualitativa, com especial relevo na observação participante, com ênfase nas notas de campo, fotografias e entrevistas.

O presente relatório final está estruturado em seis capítulos. A parte introdutória apresenta a contextualização da prática profissional, que explora os princípios e pressupostos que orientaram a prática. Ainda neste capítulo é revelado a caracterização do local de estágio, bem como a turma do 2.º ano. É igualmente apresentado o desenvolvimento da PES, que expõe o percurso formativo realizado, com a questão norteadora desta investigação.

O segundo capítulo foca essencialmente a fundamentação teórica, onde são revelados os principais conceitos referentes ao tema deste relatório.

Em relação ao terceiro capítulo é abordada a metodologia e as técnicas de recolha de dados, utilizadas neste relatório final. No quarto capítulo podemos compreender o projeto de intervenção, invocando a sua origem, os procedimentos de implementação e o seu contributo para a presente investigação. Enquanto que o quinto capítulo integra a respetiva análise e interpretação aos dados obtidos e por último surgem as considerações finais que exprimem o resultado da prática e da corrente investigação.

Capítulo I: Os primeiros passos - Contextualização da Prática Profissional

Ninguém é tão grande que não possa aprender, nem tão pequeno que não possa ensinar

(Esopo)

Segundo Gonçalves (2014) “a prática pedagógica é identificada como a parte prática dos cursos de formação de educadores e professores” (...) contrastando com a teoria “não sendo raro ouvir-se os formandos (e mesmo profissionais) mencionar que a profissão se aprende na prática”. (pp.34,35)

É segundo esta perspectiva que o Decreto-Lei 43/2007 aprova o regime jurídico da habilitação profissional para a docência e igualmente sublinha a importância da área de iniciação à prática profissional,

consagrando-a em grande parte, à prática de ensino supervisionada, dado constituir o momento privilegiado, e insubstituível, de aprendizagem da mobilização dos conhecimentos, capacidades, competências e atitudes, adquiridas nas outras áreas, na produção, em contexto real, de práticas profissionais adequadas a situações concretas na sala de aula, na escola e na articulação desta com a comunidade.

Sendo então a escola, o lugar onde se estabelecem as mais variadas interações, cabe a cada docente, através das suas práticas contribuir para a melhoria das suas ações, refletindo sobre o seu percurso, sendo que, é através da prática de ensino, que se inicia o estimulante percurso docente.

Segundo a Portaria n.º 336/88 que regulamenta a componente prática pedagógica dos cursos de formação inicial de educadores de infância e professores dos primeiros e segundo ciclos do ensino básico a “prática pedagógica concretiza-se através de actividades diferenciadas ao longo do curso, em períodos de duração crescente e responsabilização progressiva”.

Formosinho (2009) afirma que a prática pedagógica é a “componente curricular que visa (...) a aprendizagem das competências básicas para o desempenho docente (...) como a capacidade de mobilização dos saberes necessários para a resolução dos problemas colocados pela prática docente no quotidiano das escolas”. (p.129)

E é seguramente na educação pré-escolar que a prática assume a sua fulcral importância, pois se trata do percurso inicial do educador de infância e “à aplicação integrada e interdisciplinar dos conhecimentos adquiridos relativos às diferentes componentes de formação”. (Portaria n.º 336/88)

Segundo Gonçalves (2014) “a formação inicial é um momento chave de socialização e configuração profissional, que facilita a aquisição de competências por parte dos estudantes candidatos ao exercício da docência “(p.15). Uma vez que, é no processo inicial de formação de educadores e docentes, que o contexto de estágio “de docência assistida e orientada” assume a maior relevância. (Formosinho,2009, p.104)

Segundo Formosinho (2009) iremos transformar “os saberes disciplinares em saberes profissionais capazes de fundamentar e orientar a acção docente quotidiana”. (p.130)

Perante estes princípios acreditamos então, que o docente deve encarar o seu percurso formativo sob uma perspectiva crítica, investigadora, consciente e capaz de inovar e recorrer a possíveis estratégias, como melhoria das suas práticas.

Seguindo o mesmo raciocínio, Gonçalves, (2014) afirma que “a PES é concebida pelos estudantes (...) como um tempo de aprendizagem, de reflexão e de aquisição de competências que lhes possibilita o desenvolvimento profissional como futuros docentes. (p.104)

Perante estes pressupostos assume-se a prática pedagógica como componente fundamental no processo de desenvolvimento das capacidades e competências que integram a função docente.

Assim pretende-se, segundo a Lei de Bases do Sistema Educativo (Decreto-Lei n.º 344/89) conciliar duas vertentes fundamentais:

O contributo da experiência vivida nos últimos anos e a criação de uma estrutura flexível e dinâmica que garanta a articulação dos diversos modelos de formação coexistentes no sistema. Este diploma considera ainda que a dimensão de investigação e de inovação constitui uma componente permanente na formação e na actividade profissional de educadores e professores de todos os escalões.

Além da mobilização de saberes a prática pedagógica confere segundo Formosinho (2009)

a compreensão das problemáticas emergentes da acção docente nos respectivos contextos e estimula e exercita a criação de hábitos de reflexão sobre a actividade docente, bem como a sedimentação de atitudes de cooperação com os pares e de colaboração com outros actores sociais e educativos. (p.130)

Perspetivando hábitos de reflexão sobre as práticas e em variados contextos, supõe-se ao docente valorizar o seu estatuto, com o intuito de melhorar sempre o seu papel, apostando na formação como fator indissociável das suas práticas diárias. Assim a qualificação na docência é segundo Trindade e Cosme (2010) “absolutamente necessária para alguém que tem que se mostrar capaz de activar os processos de comunicação nucleares em função dos quais se sustentam e se explicam os projectos de aprendizagem e de formação dos alunos”. (p.73)

Igualmente o Decreto-Lei 43/2007 reforça a qualificação docente como, o desempenho esperado dos docentes no início do seu exercício profissional, bem como a necessidade de adaptação do seu desempenho às mudanças decorrentes das transformações emergentes na sociedade, na escola e no papel do professor, da evolução científica e tecnológica e dos contributos relevantes da investigação educacional.

Além do permanente compromisso com a formação, o papel docente deve contribuir, para o reconhecimento dos alunos como sujeitos principais e responsáveis pelos processos de aprendizagem, ao desenvolver estratégias assentes no diálogo e na partilha de opiniões, de modo a oferecer conhecimento, que seja apropriado por cada estudante, no intuito de formar cidadãos autónomos e conscientes da sua importância em sociedade.

Conclui-se então que a prática pedagógica constitui um fator fundamental do processo de desenvolvimento das capacidades e competências que integram a função docente onde se integram o diálogo, o respeito pela individualidade de cada criança, e a criação segundo o Perfil do Aluno (2017) de “condições de equilíbrio entre o conhecimento, a compreensão, a criatividade, e o sentido crítico” (p.5). Somente ao nivelar estes diversos elementos, se consegue ter uma visão global da educação, partindo de um compromisso ético e moral na educação de todas as crianças. Importa

agora conhecer o contexto em que se desenvolveu a *práxis*, nomeadamente o contexto escolar e as suas características.

1.1. Caracterização da entidade cooperante e do meio

O estudo realizado teve como campo de observação um grupo de Educação Pré-escolar e decorreu no período de 24 de março de 2021 até 30 de junho de 2021 e uma turma do 2.º ano do 1.º ciclo do Ensino Básico que decorreu no período de 28 de setembro de 2020 a 19 de janeiro de 2021. O estágio foi parte integrante da Unidade Curricular Prática de Ensino Supervisionada.

A Escola onde foi desenvolvida a *práxis* situa-se no distrito de Setúbal, na União das Freguesias do Laranjeiro e Feijó, uma das onze freguesias do concelho de Almada.

Existe sobretudo na freguesia do Laranjeiro, uma enorme diversidade cultural. Nos bairros circundantes predomina a etnia cigana, muçulmana e africana. Parte desta população vive em situações de grave carência económica, sendo os serviços sociais, uma maior valência na resolução destes problemas.

A Escola dispõe de duas valências educativas: educação pré-escolar e 1.º ciclo do ensino básico.

O edifício é constituído por dois pisos em alas contíguas, por intermédio de um corredor, que por sua vez tem ligação ao 1.º ciclo. A primeira ala é de construção térrea e possui duas salas de jardim-de-infância e uma sala adjacente de apoio, com saída para o exterior (recreio). Ao nível do 1.º Ciclo dispõe de três salas sendo adaptado um espaço já existente, a uma sala de aula, devido à pandemia. Possui sala dos docentes, sala de isolamento, gabinete de primeiros socorros, biblioteca, ginásio, refeitório, gabinete da coordenadora e sala de refeições para pessoal docente e não docente.

A gestão da escola é desempenhada pela educadora/coordenadora pedagógica. A escola funciona todos os dias úteis das 7h30 às 19h00 e o seu funcionamento é assegurado pelos elementos da direção pedagógica, corpo docente, (constituído por professores e educadores), assistentes operacionais e monitores de componente de apoio à família (CAF) e atividades de animação e apoio à família (AAAF).

O horário de funcionamento da Educação Pré-Escolar é das 9h00 às 15h30, enquanto o 1.º Ciclo funciona em regime duplo. O 1.º ano funciona das 9h00 às 15h30; o 2.º ano funciona das 8h45 às 15h15; o 3.º ano funciona das 8h00 às 13h00 e o 4.º ano funciona das 13h30 às 18h30.

A educação pré-escolar todas as quartas-feiras desenvolve aulas de Educação Física e nos prolongamentos de horários, o 1º ciclo desenvolve as atividades de enriquecimento curricular (AEC) em parceria com a associação Mimo e funcionam desde as 15h30 às 16h30, sendo a restante parte do dia assegurada pelas funcionárias das atividades de animação e apoio à família AAAF.

As atividades lúdico-expressivas são as linhas orientadoras da planificação das AAAF e a planificação dos ateliers é elaborada a nível do departamento de educação pré-escolar em articulação com a entidade promotora. Esta componente de apoio à família é da responsabilidade da Câmara Municipal de Almada e as funcionárias asseguram o acolhimento e o prolongamento das crianças.

1.2. O Projeto Educativo – Pluralidade: Inclusão, Diversidade, Sucesso

O projeto educativo com uma duração de três anos (2018-2021) explicita os princípios, as estratégias e os valores que o agrupamento propõe cumprir. Assenta no sucesso dos estudantes e nos valores cívicos que cada um detém e prepara-os para uma intervenção crítica, esclarecida e ativa.

Missão - Tem como missão conduzir o ensino e a aprendizagem para que todos os alunos se sintam incluídos e motivados a participar no seu processo de aprendizagem, permitindo a cada um atingir o seu potencial máximo, na construção de um percurso pessoal e académico, pautado pela responsabilidade, autonomia e competência. (Projeto Educativo do Agrupamento, p.9)

Visão - Através da sua missão, a escola objetiva ser distinguida como uma Escola de exigência e de fortes tradições culturais, pois conhece a riqueza, que a multiculturalidade transmite.

Objetivos - Aposta ainda como objetivo, no valor da aprendizagem ao longo da vida, onde espera que os estudantes consigam dar resposta, aos constantes desafios da nossa sociedade.

Valores - Pretende rigor e empenho a todos os intervenientes no processo educativo, utilizando técnicas e metodologias apropriadas a cada estudante. Valoriza o respeito pelo próximo, aceitando as diferenças multiculturais, zela pela manutenção dos espaços e equipamentos, procura proporcionar uma educação ambiental, focada na preservação da natureza e reforça os valores da solidariedade e equidade no compromisso, com os outros.

1.3. A sala do pré-escolar – organização do espaço

A organização do espaço é segundo as OCEPE, (2016) “uma condição do desenvolvimento da independência e da autonomia da criança e do grupo, o que implica que as crianças compreendam como está organizado e pode ser utilizado, participando nessa organização e nas decisões sobre as mudanças a realizar” (p.26). É diante desta definição, que a organização do espaço deve ser encarada como algo físico e favorável ao desenvolvimento da criança, proporcionando à criança a oportunidade de fazer escolhas, de utilizar os materiais de formas diversas e aumentar a sua capacidade de criação.

A mudança na organização do espaço foi uma das observações verificadas em contexto de estágio. Segundo as OCEPE, (2016) “a reflexão permanente sobre a funcionalidade e adequação dos espaços permite que a sua organização vá sendo modificada, de acordo com as necessidades e evolução do grupo” (p.26). É perante uma atitude reflexiva que o educador deve ponderar a organização do espaço, em relação à disposição e quantidade de mobiliário, evitando condicionar as interações diárias da sala.

A sala B onde decorreu o estágio em educação pré-escolar, encontra-se em perfeitas condições de salubridade e de conservação. Apesar de não possuir porta para o exterior o seu acesso é facilitado. A sala permite o contacto visual com o exterior, através das várias janelas existentes, sendo bastante luminosa, arejada e os estores em tecido protegem dos raios solares. No entanto, é uma sala fria e não existe aquecimento.

As cores são agradáveis e a textura das paredes é lisa, adequada à exposição dos trabalhos realizados. O chão da sala é em vinil, de fácil manutenção. Não possui objetos, que possam colocar em risco, a segurança de crianças e adultos. O sistema elétrico foi colocado a um nível superior, não existindo perigo.

1.3.1. A sala do 2.º ano do 1º ciclo – organização do espaço

Segundo Estrela (1992) “o espaço pedagógico é simultaneamente o lugar físico em que se processa a transmissão intencional do saber e a estrutura de origem cultural que suporta e organiza a relação pedagógica” (p.37). O que significa que o espaço é influente na aquisição de conhecimento, e o seu ambiente em redor como refere Zabalza (1987) “não pode ser, nunca, um espaço fechado em si mesmo” (p. 132). Pois para proporcionar uma aprendizagem ativa, a criança deverá poder utilizar o espaço, em toda a sua dimensão.

A sala do 2.º ano estava dividida num modelo fixo de mesas, que segundo Ferrão Tavares (2000) afirma ser,

(...) importante refletir sobre a organização do espaço na sala de aula como meio de facilitar a interação. Faz ainda referência á diferença existente entre as escolas de nível inferior com as dos outros níveis, afirmando que à medida que se avança na escolaridade, os espaços deixam de ser dinâmicos para se tornarem fixos. (p.3)

A perspetiva do alinhamento em filas por parte do docente compreende a importância do meio “no desenvolvimento da criança e da necessidade profissional de controlar o ambiente como contexto de aprendizagem”. (Zabalza,1987, p.156)

Aquando das intervenções realizadas, e como meio facilitador de comunicação, a disposição do mobiliário foi alterada, as mesas foram colocadas em grupo, o que facilitou a interação de todos e permitiu ampliar o espaço visual. Segundo Arends (1995) “os professores devem ser flexíveis e experimentar diferentes arranjos de carteiras” (p.95). Ideia semelhante é defendida pelas OCEPE (2016) que consideram esta reflexão “condição indispensável para evitar espaços estereotipados e padronizados que não são desafiadores para as crianças”. (p. 26)

A sala do 1.º ciclo é quadrada e de dimensões estabelecidas por lei, apresenta paredes brancas onde é possível observar a exposição de alguns trabalhos realizados pela turma. O mobiliário e os materiais estão bem conservados e são de fácil manutenção. A sala possui várias janelas, o que a torna bastante arejada e luminosa, no entanto, durante o inverno torna-se fria, devido à falta de aquecimento.

1.3.2. O grupo de pré-escolar

O grupo de pré-escolar é um grupo heterogéneo constituído por vinte e cinco crianças, com idades compreendidas entre os três e os seis anos. São quinze crianças do género masculino e dez do género feminino.

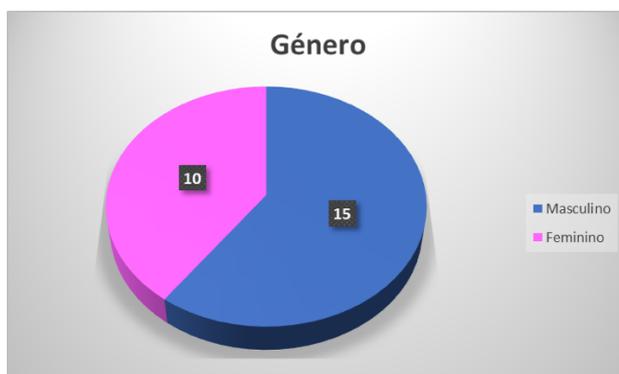


Gráfico 1 – Representação do sexo Feminino e Masculino no grupo de Pré-Escolar

O grupo tem uma criança com 3 anos, doze crianças têm 4 anos, oito crianças têm 5 anos e quatro crianças têm 6 anos.

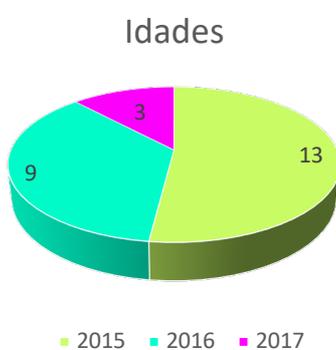


Gráfico 2 – Representação da distribuição das idades do grupo

Um dado curioso é o facto de existir três pares de irmãos. Dois pares pertencem ao género masculino, feminino e o último par pertence ao género feminino.

Existe também uma criança com Necessidades Especiais sinalizada e é acompanhada pela Equipa Multidisciplinar de Apoio à Educação Inclusiva (EMAEI) na vertente, Terapia de Fala. Esta equipa funciona como um recurso organizacional específico de apoio à aprendizagem e à inclusão e promove uma abordagem integrada e participada de toda a comunidade educativa.

Existe uma forte diversidade cultural no grupo, pois alguns familiares das crianças são oriundos de Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP). Esta simbiose de cultura é compreendida segundo as OCEPE (2016) “como forma de educação intercultural, em que as diferentes maneiras de ser e de saber contribuem para o enriquecimento da vida do grupo, para dar sentido à aquisição de novos saberes e à compreensão de diferentes culturas”. (p.39)

Em relação às áreas de conteúdo o domínio da Educação Artística é dos mais assinalados no mapa das atividades, pois “as diferentes linguagens artísticas(...) são meios de enriquecer as possibilidades de expressão e comunicação das crianças” (OCEPE,2016, p.47). As crianças neste domínio privilegiam o desenho, a pintura e a música. Através da sua capacidade de criar e transformar, a criança apropria-se de conhecimento que deve ser sustentado pelo educador através da sua prática pedagógica, ao permitir o contacto com diversas formas de manifestação de arte, enriquecendo em simultâneo a cultura artística da criança e as suas diferentes visões do mundo.

Igualmente a Área do Conhecimento do Mundo é também das mais exploradas pela educadora e a preferida das crianças, pois “enraíza-se na curiosidade natural da criança e no seu desejo de saber e compreender porquê “. (OCEPE,2016, p.85)

As crianças de modo geral identificam-se muito com esta área devido à riqueza de materiais, onde desenvolvem experiências que as faz questionar o porquê de determinada ação, e é através destas observações que a criança constrói explicação, podendo não corresponder à verdade científica, no entanto, este raciocínio é válido para a criança e futuramente será um “ponto de partida para novas aprendizagens, desafiando as crianças a tomarem consciência dessas ideias, confrontando-as com outras, num processo conducente à sua (des)construção”. (Martins, et al.,2009, p.12)

De modo geral o grupo é bastante dinâmico, enquanto que as crianças mais velhas demonstram preocupação com as mais novas e amparam-nas, ajudando nas idas à casa de banho ou na realização de alguma tarefa mais complexa, sendo que as tarefas são sempre realizadas a pares. O grupo é empenhado e ávido por conhecimento, o que reforça as práticas da educadora, que constrói diariamente “uma atitude de pesquisa centrada na capacidade de observar, no desejo de experimentar, na curiosidade de descobrir numa perspetiva crítica e de partilha de saber”. (OCEPE,2016, p.86)

1.3.3. A turma do 2.º ano

A turma é constituída por vinte e quatro alunos, dos quais treze são rapazes e onze são raparigas, com idades compreendidas entre os 7 e os 11 anos.

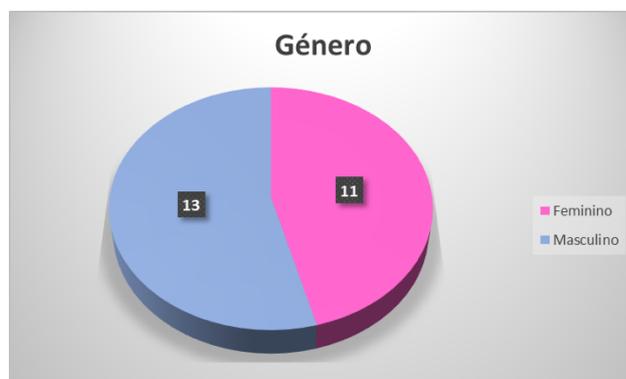


Gráfico 3 – Representação do sexo Feminino e Masculino na turma de 2.º ano

A turma tem 19 crianças nascidas em 2013, 3 nascidas em 2012, 1 nascida em 2011 e outra nascida em 2010. As crianças nascidas em 2010 e 2011 vieram de países lusófonos e como não tiveram contacto com a escola foram integradas numa turma do 2º ano, devido às suas idades.

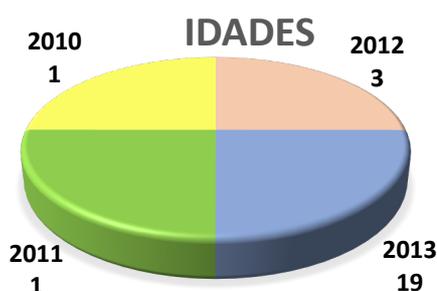


Gráfico 4 – Representação da distribuição das idades da turma

A turma do segundo ano é composta por 26 alunos, no entanto, dois alunos anularam a matrícula, por irem viver no estrangeiro. A turma está integrada desde o primeiro ano e a professora acompanha-os, desde então. Atualmente são 24 crianças com idades compreendidas entre os 7 e 11 anos. Não existe nenhuma criança com

necessidades especiais, todavia existem algumas crianças com dificuldades de aprendizagem, por terem vindo de países lusófonos e não terem tido contacto com a escola.

A turma é constituída por 13 rapazes e 11 raparigas. Existe 1 criança com 11 anos, 1 criança com 10 anos e 3 crianças com 8 anos, as restantes têm 7 anos.

Em conversa com a professora cooperante foi referido que existem crianças com base familiar pouco estruturada e desinteresse por parte dos encarregados de educação, em relação à vida escolar dos educandos.

Frisou ainda, que durante o confinamento enviava semanalmente trabalhos, para as crianças resolverem e pediu aos encarregados de educação, para os devolverem por endereço eletrónico, para serem corrigidos. Porém, apenas 10 corresponderam à solicitação da professora, como ela própria referiu.

1.3.4. Relações sociais entre a turma

Durante o percurso de estágio foi possível constatar, que as relações entre a turma envolviam dificuldades na gestão dos conflitos. Sendo atribuído ao docente o papel polarizador das relações sociais, por vezes, existem dificuldades em saber gerir os conflitos e o recurso à punição assume presença sendo “entendida como a utilização de consequências indesejadas pelo aluno, depois de este ter manifestado um comportamento considerado inadequado pelo professor, procurando diminuir a probabilidade de ocorrência desse comportamento.” (Jesus,2000, p.23)

Por seu lado, o modo como os docentes e a escola lidam com os conflitos, constitui para Correia (2019) privilegiar os conteúdos curriculares e as competências dos docentes, em detrimento de “estabelecer contacto com os alunos, pela falta de competências relacionais e de estratégias para lidar, prevenir e resolver conflitos”. (p.31)

Um dos aspetos apontados à melhoria da resolução de conflitos, é segundo Correia (2019) que a “formação inicial dos professores deve passar não apenas pela preparação dos conteúdos das suas disciplinas, mas também pelo desenvolvimento do autoconhecimento, do plano relacional e das competências sócio práticas “(p.31), para encarar confiantemente os desafios, que seguramente irão defrontar.

1.3.5. Dados específicos da turma do 1º ciclo

Competências linguísticas e cognitivas

Apesar de ser uma turma de segundo ano, nem todas as crianças conseguem ler, questionamos sobre esse facto, onde a docente afirmou que o período de confinamento atrasou todo esse processo, sublinhando, no entanto o envio de trabalhos de casa.

Existem alguns casos particulares de crianças oriundas de outros países, que não tiveram contacto com a escola. Só não estão integrados numa turma de 1.º ano por não terem idade.

A professora titular utiliza o método sintético, ou seja, parte da letra para as sílabas até formar a palavra isolada, seguidamente a frase e por fim o texto ou história. Foi possível observar no âmbito das competências do Português, que alguns alunos demonstraram interesse pelas atividades da leitura e da escrita. Várias crianças leem corretamente, enquanto as restantes leem com alguma dificuldade. Alguns alunos revelam ainda pouca autonomia no conhecimento das letras do alfabeto e apresentam maiores dificuldades na correspondência fonema-grafema, pouca consciência fonológica e alguma insegurança neste domínio.

No entanto, existem seis crianças que não leem, nem escrevem, copiam o que está escrito e por vezes com erros ortográficos. Não conseguem assimilar a correspondência fonema /grafema, demonstrando dificuldades na consciência fonológica. Revelam pouco interesse e motivação, dependendo muito do adulto.

Saliento que estes relatos resultaram de observação direta e consciente e na recolha de notas de campo, em contexto de estágio.

A professora vai sempre insistindo e dedicamos particularmente mais atenção a estes estudantes no sentido de os motivar, todavia esperam pela resposta do adulto. A falta de motivação necessita de ser clarificada, no sentido de formular estratégias de intervenção, para a anular.

Uma possível estratégia segundo (Nuttin, as cited in Jesus, 2000) é “desenvolver uma atitude mais positiva em relação ao estudo, devendo antecipar as vantagens na sua vida se estudar, comparativamente às desvantagens se não estudar” (p.37). Procuramos sempre avivar a memória com grafemas já aprendidos e fazem parte de outras tantas palavras, dando exemplos do quotidiano ou utilizando sinónimos no intuito de descobrirem as palavras.

Efetivamente a turma também possui alunos curiosos e participativos demonstrando atenção e interesse nas atividades propostas assegurando “que o facto de uns alunos terem mais conhecimentos do que outros, leva os primeiros a explicar a matéria aos segundos”. Esta perspetiva demonstra que pode existir uma maior envolvimento no processo de aprendizagem. (Deci as cited in Jesus, 2000, p.38)

Em relação às competências cognitivas demonstram dificuldades no raciocínio indutivo e na memorização, no entanto, revelam mais capacidade na Matemática do que no Português. A maioria dos alunos conhece os números até 100 e até mais, realizam operações de adição e subtração (de para) com dois algarismos. Alguns possuem cálculo mental simples e recorrem a estratégias de contagem (normalmente pelos dedos) mas insistimos para fixarem o número e contar mentalmente até chegar ao número pretendido.

As principais dificuldades de alguns alunos da turma são na interpretação do que é pedido e na aplicação dos resultados. É de salientar que os alunos com maiores dificuldades no Português, também as demonstram na Matemática, não reconhecem os números, e os resultados só são conseguidos com recurso à simbologia e a exemplos do quotidiano. Estes dados resultaram de uma observação consciente e de registos em diário de bordo.

Competências expressivas e de comunicação

As Aprendizagens Essenciais (A.E) nomeadamente a Educação Artística – Artes Visuais assumem um carácter integrador enquanto “englobam competências estéticas e técnicas, envolvem saberes, a apropriação e domínio de materiais e suportes e integram o desenvolvimento da sensibilidade estética e artística”. (p.4)

Foi possível observar, sobretudo durante a realização das atividades referentes ao projeto, a curiosidade pelos materiais que iam sendo utilizados, assim como o cuidado no manuseamento, pois eram essencialmente materiais recicláveis de cartão.

Considero assim, a arte fundamental ao desenvolvimento da criança, pois ao desenvolver a criação, a criança adquire experiências que estimulam o seu desenvolvimento sensorial, destreza manual e o controlo psicomotor, enquanto estimulam a ligação à vida e a comparação expressiva das formas artísticas a outras realidades do mundo.

Em relação à comunicação na sala de aula, algumas crianças revelam timidez na abordagem individual e alguma insegurança quando questionadas, porém, existem outras crianças mais extrovertidas, em que é necessário atenuar o seu entusiasmo de modo a manter os níveis de concentração.

A relação dos alunos na sala de aula é tranquila e denotam atenção, todavia o tempo de concentração e especialmente os períodos de maior tempo letivo, levam à dispersão da turma.

Em relação à avaliação intercalar do 1.º semestre, a mesma não se realizou,” uma vez que seria necessário haver uma quebra no trabalho que está a ser desenvolvido, para realizar as fichas e seria injusto para os alunos, uma vez que alguns não trabalharam durante o tempo de ensino à distância, não por sua culpa, mas, porque os pais não foram cumpridores da sua responsabilidade, enquanto encarregados de educação.”¹

1.4. Desenvolvimento da prática supervisionada e problematização da questão de partida

Segundo Pacheco (2001) “os elementos constituintes da *práxis* são a acção e a reflexão” (p.41) e foi durante a ação que os princípios que regeram as práticas planear agir e avaliar se enquadraram nas atividades que desenvolvemos com o grupo de crianças. A reflexão foi outro elemento importante, pois faz-nos refletir sobre os nossos desafios, fragilidades e aprendizagens e sendo a aprendizagem um ato social, todos beneficiamos.

Durante o estágio em Educação Pré-Escolar considerou-se o facto de o grupo demonstrar interesse e curiosidade em abordar atividades com um carácter mais prático. Foi ainda previsto o desenvolvimento de um trabalho que apostasse em estratégias integradoras, da pluralidade dos saberes.

Nesse sentido, e atendendo ao interesse que o grupo atribui ao desenvolvimento de atividades mais práticas, a Área Curricular de Estudo do Meio apresenta-se como privilegiada, visto que é a que mais se direciona para os conceitos associados ao quotidiano e igualmente aborda as Competências Sociais.

Simultaneamente ao realizar as atividades de cariz mais prático delineamos que as mesmas respeitassem o ritmo de aprendizagem de cada criança, pois” cada criança

¹ Informação disponibilizada pela professora cooperante, com base na ata da reunião do 2º ano

tem uma identidade única e singular, tendo necessidades, interesses e capacidades próprias”. (OCEPE, 2016, p.12)

Revelamos responsabilidade e cuidado no planeamento, quer das atividades inseridas no projeto, quer com as restantes. Tentamos antecipar como se iam realizar e desenvolvemos estratégias com o intuito de alguma não correr, como planeado.

Para estimular a curiosidade e a vontade em aprender, utilizamos variados recursos pedagógicos-didáticos na elaboração das mesmas, o que motivou uma envolvimento do grupo, durante as atividades.

Em relação ao segundo momento de estágio na turma de 2.º ano esforçamos em encorajá-los e motivá-los, ajudando-os nas matérias lecionadas, ou em outras situações em que apresentavam dúvidas, sobretudo na escrita onde se procurou avivar a memória com grafemas já aprendidos e fazem parte de outras tantas palavras.

Consideramos que a prática proporcionou aos estudantes a aquisição de novos conhecimentos, capazes de estimular o interesse e a concentração.

Durante o projeto interventivo para conseguir uma maior articulação das atividades e dos conteúdos, tentamos diversificar recursos, abordagens e metodologias de trabalho, permitindo a estes alunos desenvolver hábitos diferentes do habitual. Pretendemos sempre envolver a turma no desenvolvimento do projeto, oferecendo-lhes autonomia nas decisões, responsabilizando-os assim, pela conceção do projeto e pelas suas aprendizagens.

Existiu também o cuidado de planificar as aulas interventivas, tentando antecipar o desenvolvimento da atividade, onde diversificamos estratégias para cada atividade, como forma de diferenciação pedagógica. Os desempenhos dos alunos durante as atividades foram satisfatórios, no que concerne ao seu envolvimento e assimilação de conteúdos.

Consideramos que o papel do estagiário durante a prática contribui para uma maior segurança e acreditação do desempenho e seguramente para um aumento das competências e conhecimentos.

Encaramos a futura realidade convictos da responsabilidade das ações e os receios característicos do início de uma carreira, todavia acreditamos que irão ser ultrapassados durante a prática. Ansiamos vir a ser segundo Cruy (2016) um “professor fascinante” (...) onde,

ser um mestre inesquecível é formar seres humanos que farão diferença no mundo. As suas lições de vida marcam para sempre os solos conscientes e

inconscientes dos seus alunos. O tempo pode passar e as dificuldades podem surgir, mas as sementes de um professor fascinante nunca serão destruídas. (s.p.)

Em relação à problemática da questão de partida, que o presente relatório incide, surgiu por necessidade após observação direta em contexto de estágio em 1.º ciclo, numa turma de 2.º ano, em que se constatou ser necessário intervir, na área de Estudo do Meio valorizando e potenciando o seu cariz interdisciplinar.

Este estudo visa, assim, responder à seguinte questão:

- Qual a valorização que os professores atribuem à área de Estudo do Meio, numa perspetiva interdisciplinar?

Capítulo II: - A caminhada – Fundamentação Teórica

Aprender é algo que fazemos e não uma coisa que nos acontece

(Dalgeccio)

2.1. Breve abordagem à reforma do sistema educativo em Portugal

Durante o século XIX, é ampliada a ideia de que a educação detém um papel relevante na evolução de uma sociedade mais uniforme, além de que “deveria deixar de ser um privilégio só de alguns, para ser um direito aberto a todos.”²

É a partir do século XX que a escola deixa de ser um direito e passa a ser uma obrigatoriedade, “todavia a massificação da escola portuguesa nas últimas décadas do século XX comporta transformações quantitativas e transformações qualitativas, acabando por deixar a descoberto a inadequação das suas estruturas organizacionais para dar resposta aos novos problemas que nela se manifestam” e às novas intenções que lhe são atribuídas. (Formosinho e Machado, 2008, p.6)

De modo a responder aos problemas que foram surgindo nas escolas assistiu-se no final dos anos 80, a uma reforma mediática em Educação, com liberdade de imprensa e pelas mãos do Ministro Roberto Carneiro, que com outros investigadores delinearam estratégias, com o propósito de melhorar o sistema educativo português, onde sobressaia as reduzidas taxas de escolaridade, docentes pouco qualificados, elevados índices de retenção e abandono escolar.

Uma mudança pressupõe opiniões diversas, contudo numa primeira auscultação foram identificados diversos “pontos de crise que seriam resolvidos pelas seguintes ações: melhoria da qualidade do ensino; modernização da gestão do sistema; fomento da criatividade e da inovação; adequação do sistema educativo ao desenvolvimento regional e à dinâmica do mundo do trabalho” (Pacheco, 2001, p.156). Estas ações enquadraram-se na Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE) que estabelece a estrutura, pelas quais estas medidas foram adotadas e representou uma mudança organizacional no ensino básico e secundário.

² Joaquim Machado e José Matias (2014). Igualdade Diversidade e Autonomia. Universidade Católica

2.2. Mudanças na organização curricular

No seguimento da LBSE, a reforma como estrutura curricular divulga uma mudança relevante, que foi a apresentação de uma nova tipologia organizacional, para o ensino básico e secundário, mas foquemo-nos no primeiro.

O ensino básico segundo a LBSE “compreende três ciclos sequenciais, sendo o 1.º de quatro anos, o 2.º de dois anos e o 3.º de três anos” (artº.8), sendo que no “1.º ciclo, o ensino é globalizante, da responsabilidade de um professor único, que pode ser coadjuvado em áreas especializadas”. (artº.8)

É perspeticada a articulação entre ciclos de modo sequencial e progressivo, em que cada ciclo reforce, complete, aperfeiçoe o ciclo anterior, de modo a globalizar o ensino básico.

Pretende-se como objetivos “o desenvolvimento da linguagem oral e a iniciação e progressivo domínio da leitura e da escrita, das noções essenciais da aritmética e do cálculo, do meio físico e social, das expressões plástica, dramática, musical e motora;” (artº.8) onde se prevê o reforço das “componentes de ensino artístico ou de educação física e desportiva,” em escolas especializadas. (artº.8)

Outra alteração segundo Pacheco (2001) diz respeito à Área-Escola considerada” (como tempo curricular para a realização de actividades e projetos multidisciplinares)” (p.158), disposta a promover as práticas de interdisciplinaridade junto dos docentes, através da concretização de projetos em comum por intermédio dos alunos.

Outro aspeto visível da reforma é o “prolongamento da escolaridade obrigatória de seis para nove anos, pela proposta de novas formas de organização curricular, por um novo regime de avaliação centrado na procura do sucesso educativo e pela formação profissional” (Pacheco,2001, p.158). Formulam-se ainda novos programas, estabelece-se uma avaliação formativa e surgem igualmente mudanças relativas à diferenciação curricular, como as adaptações curriculares e os currículos alternativos.

No entanto, tomemos em consideração que as transformações curriculares “por si só não garantem as transformações que visam e correm o risco de se esgotarem nos normativos que as suportam, “no centralismo dos reformadores, na subjectividade das medidas e na uniformização [aparentemente] desejada das práticas escolares”. (Formosinho,2008, as cited in Pacheco, 2007, p.98)

Efetivamente, como refere Formosinho (2008)

O currículo uniforme pronto a vestir”, decidido centralmente, seja de “tamanho único” ou de “tamanhos estandardizados”, arrasta consigo uma pedagogia uniforme, que se traduz nos mesmos conteúdos, a mesma extensão dos programas e limites estreitos para o ritmo de implementação, a grelha horária semanal uniforme, as cargas horárias determinadas por disciplina. (s.p)

Por essa razão, é visível uma pedagogia assente na burocracia com normas absolutas e impessoais, que seguramente não vão ao encontro das necessidades e interesses das crianças, sujeitando-as à mesma igualdade, só sendo alterada com a gestão flexível do currículo, que abordamos em seguida.

2.3. Currículo e flexibilidade curricular

A definição de currículo é apresentada por Pacheco (2001) como “uma construção permanente de práticas, com um significado marcadamente cultural e social, e um instrumento obrigatório para a análise e melhoria das decisões educativas”. (p.19)

Uma pretensa recontextualização em relação ao currículo já vem sendo abordada há algum tempo e segundo Benavente (1994) “é urgente mudar uma escola de conteúdos desatualizados, de saberes dissociados das práticas sociais e ritualizados no uso escolar de práticas baseadas na impessoalidade e na uniformidade, ignorando a diversidade dos alunos, numa escola de linguagens empobrecidas”. (p.10)

É necessário apostar em estratégias “que contribuam para a transformação e melhoria dos processos e práticas de ensino-aprendizagem e, conseqüentemente, para a confirmação do sucesso educativo dos alunos”. (Pacheco,2001, p.151)

Segundo Roldão (1999) “flexibilizar o currículo pode entender-se no sentido de organizar as aprendizagens de forma aberta, possibilitando que, num dado contexto coexistam duas dimensões (...) a *clareza* e a *delimitação* das aprendizagens pretendidas e a possibilidade de organizar de forma flexível” (p.54). Por conseguinte é solicitado ao docente uma administração mais versátil no currículo, atendendo às individualidades dos estudantes e às instruções do currículo, que segundo Roldão (1999), “deve ser entendido como aquilo que se espera fazer aprender na escola, de acordo com o que se considera relevante e

necessário na sociedade, num dado tempo e contexto” (p.32). E que possibilite aos alunos adquirirem conhecimentos de modo mais relevante e acessível.

De modo a prevalecer essa flexibilidade, um dos princípios orientadores do Decreto-Lei 55/2018 privilegia a “concretização de um exercício efetivo de autonomia curricular, possibilitando às escolas a identificação de opções curriculares eficazes, adequadas ao contexto, enquadradas no projeto educativo e noutros instrumentos estruturantes da escola”.

Assim sendo, é assegurada uma harmonia através do Decreto de Lei 55/18, os

«Domínios de autonomia curricular» (DAC), áreas de confluência de trabalho interdisciplinar e ou de articulação curricular, desenvolvidas a partir da matriz curricular-base de uma oferta educativa e formativa, tendo por referência os documentos curriculares, em resultado do exercício de autonomia e flexibilidade, sendo, para o efeito, convocados, total ou parcialmente, os tempos destinados a componentes de currículo, áreas disciplinares e disciplinas.

Os DAC podem ser alternados em períodos de funcionamento de uma área disciplinar ou multidisciplinar, a carga horária de cada disciplina pode também ser reorganizada, bem como a gestão do currículo onde cada conteúdo é abordado sem seguir a ordem cronológica.

Perante este domínio, os próprios docentes “deverão recriar o programa, de modo a atender aos diversificados pontos de partida e ritmos de aprendizagem dos alunos, aos seus interesses e necessidades e às características do meio” (Currículo Nacional do Ensino Básico, 2007, p.76). Igualmente deve existir um “reconhecimento dos professores enquanto agentes principais do desenvolvimento do currículo, com um papel fundamental na sua avaliação, na reflexão sobre as opções a tomar, na sua exequibilidade e adequação aos contextos de cada comunidade escolar”. (D.L 55/18)

Os docentes inclusive podem igualmente acrescentar ou alterar a ordem dos conteúdos visando o interesse superior do aluno. Nesta continuidade de pensamento Amado (2015) revela que “nesse sentido, a integração curricular vem criar uma rutura da organização disciplinar do currículo e, conseqüentemente, provocar a desconstrução das práticas instituídas”. (p.420)

Segundo Moran (2008) a escola precisa “de partir de onde o aluno está, das suas preocupações, necessidades, curiosidades e construir um currículo que dialogue continuamente com a vida, com o cotidiano. Uma escola centrada no aluno e não no

conteúdo, que desperte interesse” (p.1). O currículo é assim, indispensável no sentido de proporcionar igualdade de acesso à educação e igualmente o sucesso educativo do aluno, promovendo um desenvolvimento harmonioso e global.

2.4. Áreas curriculares do Ensino Básico do 1º ciclo

Segundo o documento Organização Curricular e Programas para o Ensino Básico, pressupõe como áreas curriculares disciplinares de frequência obrigatória, a Matemática, o Português, o Estudo do Meio e as Expressões Artísticas e Físico-motoras. (Ministério da Educação, 2004)

Segundo o CNEB (2007) “a competência matemática, como foi caracterizada, promove a mobilização de saberes (culturais, científicos e tecnológicos) para compreender a realidade e para abordar situações e problemas”. (p.59)

Uma das suas finalidades é proporcionar aos estudantes uma familiarização em relação às “ideias e métodos fundamentais da matemática que lhes permita apreciar o seu valor e a sua natureza, e desenvolver a capacidade e confiança pessoal no uso da matemática para analisar e resolver situações problemáticas, para raciocinar e comunicar” (CNEB, p.58). Serve então a Matemática, para resolver problemas nas mais diversas áreas de atividade, sendo a sua presença no quotidiano algo sempre implícito.

Outra característica importante da Matemática segundo o CNEB (2007) é que “não pode e não deve ser trabalhada de forma isolada” (p.59), pois devido à sua natureza em aspetos relacionados com o raciocínio, organização de dados, resolução de problemas “a matemática constitui uma área de saber plena de potencialidades para a realização de projetos transdisciplinares e de atividades interdisciplinares dos mais variados tipos”. (p.59)

Em relação ao Português “é necessário garantir a cada aluno (...) o desenvolvimento de competências específicas no domínio do modo oral (compreensão e expressão oral), do modo escrito (leitura e expressão escrita) e do conhecimento explícito da língua” (CNEB, 2007, p.32). O Português além de ser a nossa língua oficial, segundo o CNEB (2007) “é decisivo no desenvolvimento individual, no acesso ao conhecimento, no relacionamento social, no sucesso escolar e profissional e no exercício pleno da cidadania”. (p.31)

De igual modo como a Matemática, o Português também deve ser encarado perante uma perspectiva transversal, pois o uso da escrita e da leitura é sempre manifestado em qualquer área do saber, desta forma é possibilitado ao estudante uma consciência do verdadeiro valor e da transversalidade da disciplina.

No que refere às Expressões Artísticas, as suas competências “contribuem para o desenvolvimento dos princípios e valores do currículo e das competências gerais, consideradas essenciais e estruturantes” (CNEB,2007, p.150), pois promovem o desenvolvimento criativo, mobilizam saberes de diversa natureza e potenciam novas aprendizagens. No que confere a Expressão Físico Motora, as competências a adquirir centram-se na “prática de actividade física qualitativa e quantitativamente adequada às possibilidades e necessidades de cada aluno, em situações que promovam o seu desenvolvimento” (CNEB,2007, p.220), ou seja, episódios onde o esforço físico, o conhecimento, a procura e o estímulo pessoal e geral sejam sucessivos.

Relativamente ao Estudo do Meio o seu princípio orientador é a importância do conhecimento do meio, focada em atitudes de pesquisa e experimentação envolvendo as restantes áreas de conhecimento, promovendo uma articulação entre os variados saberes.

Segundo Roldão (1995) “a necessidade de estudar o meio prende-se, assim, no que se refere ao meio próximo, com a necessidade de consciencializar a criança acerca da realidade em que vive, preparando-a para compreender e intervir nessa realidade”. (p.27)

Compreender então o meio é uma das primeiras consciências cívicas, sobretudo pelas atitudes de respeito que devemos ter com o meio ambiente.

Igualmente o documento Educação em Ciências e Ensino Experimental (2007) reforça, que as “práticas de ensino das Ciências nas escolas são muito incipientes, quer em metodologias de trabalho adotadas, quer em tempo curricular que lhes é destinado”. (p.9)

É consciente afirmar, é delicada, a valorização atribuída à área de Estudo do Meio desde o seu início, apesar do CNEB (2007) referir que “o conhecimento do meio abarca todos os níveis de conhecimento humano: desde a experiência sensorial direta até aos conceitos mais abstratos” (...) e sublinha que a “articulação dos vários, mas inter-relacionados, modos de conhecimento constitui os eixos temáticos e pedagógico, e até um recurso metodológico, desta área do conhecimento, que é, por natureza, interdisciplinar”. (p.75)

Sabemos efetivamente que o meio, está na base de todas as interpretações que dele fazemos, pois segundo o documento, as Aprendizagens Essenciais de Estudo do Meio (2018) “estão associadas a dinâmicas interdisciplinares pela natureza dos temas e conteúdos abrangidos, pelo que a articulação destes saberes com outros, de outras componentes do currículo, potencia a construção de novas aprendizagens” (p.3). E é desta forma que a criança através da sua individualidade reúne um vínculo com os variados saberes, em processos de interação com o meio e os seus pares.

As aprendizagens que as crianças previamente detêm é segundo o CNEB um “conjunto de ideias, preconceitos, representações, disposições emocionais e afetivas e modos de ação próprios”. Estes são tidos como esquemas de conhecimento rudimentares, subjetivos e muitas vezes incoerentes, que, quando comparados com outros mais objetivos e socialmente partilhados, nomeadamente em contexto escolar “vão sofrendo ruturas que abalam a visão sincrética da realidade, a perspetiva egocêntrica e as explicações mágicas e finalísticas que são próprias do pensamento infantil”, contribuindo progressivamente para um conhecimento rigoroso e científico. (Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais, 2007, p. 75)

Perante esta perspetiva, a área de Estudo do Meio assume-se como estruturante de todo o currículo, “oferecendo um conjunto de conteúdos temáticos, que permitem numa gestão bem organizada, articular integradamente aprendizagens das restantes áreas” (Roldão,2004, p.31). Os conteúdos programáticos obedecem a uma sequência lógica, facilmente observáveis pela ordem que os blocos e os conteúdos são apresentados, no entanto, a ordem descrita, não impõe necessariamente uma obediência, permitindo uma flexibilidade na gestão das temáticas.

Na análise da articulação horizontal é possível observar a ligação dos temas a outras áreas do saber, favorecendo as aprendizagens, relacionando-as perante uma perspetiva interdisciplinar, assim como o aprofundamento do mesmo tema, adequando estratégias diferentes.

Quanto à articulação vertical é favorecida a organização dos conteúdos, o que permite compreender, o modo como cada subtema é desenvolvido e vai aprofundar durante os próximos ciclos escolares, criando o conceito de aprendizagem em espiral, que segundo Bruner (1977) à informação previamente adquirida, surgem novas informações mais elaboradas, capazes de modificar as estruturas existentes o que permite ao aluno confrontar novos raciocínios e perspetivar várias hipóteses como solução de um problema.

Perante as características de cada uma destas áreas é importante ressaltar a sua importância, enquanto fundamentais à construção articulada do saber, em experiências que mobilizem o raciocínio e a adequação de novas estratégias, permitindo a sua ligação a outras áreas curriculares.

Além destas áreas o plano prevê outras de caráter não disciplinar, porém, obrigatórias, enquadradas, devendo articular-se entre si e com as restantes áreas, fazendo parte do projeto curricular da turma. Os conteúdos abordados nestas áreas não disciplinares, focam sobretudo as práticas democráticas exercidas em cidadania, o que contribui para a formação pessoal e social da criança.

Cabe ao professor articular o currículo à realidade específica dos seus alunos e do programa de Estudo do Meio, onde deve ser capaz de “garantir que a abordagem adotada atribua sentido aos conteúdos, sentido esse que seja claro e facilmente compreendido pelos alunos”. (Roldão, 1995, p. 41)

A figura abaixo revela as componentes curriculares e a carga horária semanal atribuída a cada área, no entanto, é possível verificar menor tempo letivo dedicado ao Estudo do Meio comparativamente com as restantes áreas.

Ensino básico
1.º ciclo
1.º e 2.º anos

Componentes do currículo	Carga horária semanal
Português	Mínimo de 7 horas.
Matemática	Mínimo de 7 horas.
Estudo do Meio	Mínimo de 3 horas.
Expressões Artísticas e Físico-Motoras	Mínimo de 3 horas.
Apoio ao Estudo (a)	Mínimo de 1,5 horas.
Oferta Complementar (b)	1 hora.
Tempo a cumprir	Entre 22,5 e 25 horas.
Atividades de Enriquecimento Curricular (c)	Entre 5 e 7,5 horas.
Educação Moral e Religiosa (d)	1 hora.

3.º e 4.º anos

Componentes do currículo	Carga horária semanal
Português	Mínimo de 7 horas.
Matemática	Mínimo de 7 horas.
Inglês	Mínimo de 2 horas.
Estudo do Meio	Mínimo de 3 horas.
Expressões Artísticas e Físico-Motoras	Mínimo de 3 horas.
Apoio ao Estudo (a)	Mínimo de 1,5 horas.
Oferta Complementar (b)	1 hora.
Tempo a cumprir	Entre 24,5 e 27 horas.
Atividades de Enriquecimento Curricular (c)	Entre 3 e 5,5 horas.
Educação Moral e Religiosa (d)	1 hora.

(a) Apoio aos alunos na criação de métodos de estudo e de trabalho, visando prioritariamente o reforço de apoio nas disciplinas de Português e de Matemática, de acordo com o n.º 1 do artigo 13.º

(b) Atividades a desenvolver em articulação, integrando ações que promovam, de forma transversal, a educação para a cidadania e componentes de trabalho com as tecnologias de informação e de comunicação, de acordo com o n.º 2 do artigo 12.º

(c) Atividade de caráter facultativo, nos termos do artigo 14.º No caso de estas atividades serem oferecidas por entidade exterior à escola, o que carece sempre de contratualização, é necessária confirmação explícita do Ministério da Educação e Ciência para que a sua duração exceda 3 horas nos 3.º e 4.º anos e 5 horas nos 1.º e 2.º anos de escolaridade.

(d) Disciplina de frequência facultativa, nos termos do artigo 19.º

3

Figura 1 – Matriz curricular do 1.º ciclo

³ <https://www.dge.mec.pt/matriz-curricular-do-1o-ciclo>

2.5. O Estudo do Meio e sua interdisciplinaridade em diversas áreas

O Estudo do Meio é uma área que, pela sua especificidade, é entendida como “um conjunto de elementos, fenómenos, acontecimentos, factores e ou processos de diversa índole que ocorrem no meio envolvente e no qual a vida e a acção das pessoas têm lugar e adquirem significado”. (CNEB,2007, p.75)

A sua singularidade envolve uma aproximação interdisciplinar cruzando saberes e segundo Pombo (2004) a “interdisciplinaridade é uma palavra que tem sido convocada para descrever este domínio do indiferenciado. Ela surge tanto para sancionar a diluição das fronteiras entre disciplinas(...) como para referir o controlo e exploração (leia-se potenciação) da transversalidade entre conhecimentos”. (s.p.)

Independentemente da importância da área de Estudo do Meio, e conforme foi observado durante a prática, foi possível constatar uma diferenciação, perante as outras áreas disciplinares, como irá ser constatado no capítulo V.

No entanto, Roldão (1995) destaca o Estudo do Meio “como uma área de abertura para o mundo, para a diversidade da realidade física e social” (pp.15,16), onde o aluno compreende e atribui significado ao mundo em que vive.

Compreende-se uma maior relevância nas áreas nucleares, contudo, o Estudo do Meio, assume total relevância numa perspectiva integrada do currículo, dado que trabalha diferentes domínios científicos, de uma forma interdisciplinar, o que contribui segundo Afonso (2008) “para a compreensão progressiva das inter-relações entre a Natureza e a Sociedade”. (p. 119)

Na sua essência as suas temáticas são integradoras no sentido de trabalhar as diferentes áreas curriculares, o que segundo Cardoso (1998) está na “intersecção de todas as outras áreas do programa (...), podendo promover a sua integração a partir de temas englobantes”. (p.99)

Igualmente, o CNEB (2007) reforça que “o desenvolvimento das competências essenciais do EM passa pela inter-relação destas com as competências das outras áreas disciplinares e não disciplinares e ainda com as competências gerais”. (CNEB,2007, p.77)

Assim sendo, é focada a mobilização com o Português através do “registo de uma observação; resumo de um texto recolhido; escrita e ou reescrita de um texto

temático individual ou colectivamente; discussão dos caminhos a seguir; organização da informação e decisão sobre a melhor forma de a apresentar”. (CNEB,2007, p. 77)

Em relação ao estudo da Matemática integra-se a “(organização de dados por categorias em quadros, tabelas, e ou gráficos de barras; leitura e elaboração de plantas e mapas)”. (CNEB,2007, p. 77)

Além das áreas curriculares a versatilidade do Estudo do Meio fomenta em áreas não curriculares, a pesquisa, a seleção de informação, utilizando as tecnologias ou outros recursos como os dicionários, as enciclopédias, entre outros. Promove igualmente o diálogo, o debate, o “uso do sentido crítico para análise e emissão de juízos acerca do trabalho e comportamentos próprios e dos outros”. (CNEB,2007, p.77)

E no que respeita às suas áreas provenientes o Estudo do Meio visa desenvolver segundo as Aprendizagens Essenciais (2018) “um conjunto de competências de diferentes áreas do saber, nomeadamente Biologia, Física, Geografia, Geologia, História, Química e Tecnologia”. (p.1)

Devido à sua natureza integradora como foi anteriormente referido estas áreas não se podem isolar, é o caso das Ciências da Natureza, a História, a Geografia, entre outras. “Podendo elas relacionar-se de diversas formas, ditas de “multidisciplinar”, “pluridisciplinar”, “interdisciplinar”, “transdisciplinar” ou ainda como “integração disciplinar”. (Carvalho e Freitas,2010, p.9)

O contacto com as Ciências da Natureza implica uma “visão científica de conhecimento mais sistematizado dos aspectos relacionados com o seu próprio corpo, com os animais, e as plantas, e com fenómenos físicos e químicos que presencia no seu dia-a-dia”. (Carvalho e Freitas,2010, p.29)

Já a História enfatiza as competências na compreensão do mundo, permitindo às crianças “uma primeira abordagem de realidades que, embora distantes no tempo e até no espaço, lhe são próximas no imaginário e no emocionalmente vivenciado”. (Roldão, 1995, p.19)

Associado igualmente ao estudo da História e da Geografia é o desenvolvimento de valores e atitudes que contribuem ao respeito pelo próximo e pelas diferentes culturas. O meio é assim um fator de motivação natural para os alunos,

não apenas do ponto de vista da aquisição de conhecimentos mas também do desenvolvimento de capacidades, algumas delas intrínsecas a esse conhecimento, e as mais diversas aptidões, habilidades e competências, sendo

estas vistas como integrando não só conhecimentos mas também procedimentos e atitudes. (Carvalho e Freitas,2010, p.31)

Em relação à Geografia Carvalho e Freitas (2010) afirmam que “ajuda a desenvolver uma compreensão do espaço e da sua representação (...) através da análise de mapas e, sobretudo da sua construção; dá a conhecer aspectos do mundo físico e humano através da observação directa”. (p.29)

É seguramente uma área com “um vasto objeto de estudo, a sua abordagem alicerça-se em conceitos e métodos das várias disciplinas enunciadas, contribuindo para a compreensão progressiva da Sociedade, da Natureza e da Tecnologia, bem como das inter-relações entre estes domínios.”. (A.E,2018, p.1)

Assim sendo, o professor deve ter como finalidade promover a construção de uma imagem positiva das Ciências, igualmente potenciar o pensamento “(criativo, crítico, metacognitivo,...) úteis noutras áreas/disciplinas do currículo e em diferentes contextos e situações” (Martins, et al.,2007, p.17). Deverá ainda incentivar à criação de hábitos de respeito pelo ambiente, integrado em metodologias que promovam uma cultura sustentável.

É então, fundamental que os docentes reflitam sobre o enorme potencial desta área, implementando metodologias que permitam ao aluno compreender a realidade circundante, experienciando descobertas facilitadoras do seu processo de aprendizagem.

Devem igualmente potenciar a articulação com as outras áreas favorecendo as aprendizagens tendo em conta que esta área “oferece uma variedade de conteúdos objectivos, susceptíveis de se organizarem em temas aglutinadores de outras áreas programáticas”. (Roldão, 2004, p. 41)

Capítulo III: - A chegar – Metodologia

O prazer no trabalho aperfeiçoa a obra

(Aristóteles)

3.1 Paradigma de investigação

As metodologias que envolvem diferentes estudos pressupõem diferentes paradigmas, sendo que a questão fundamental à realização de uma investigação, é a opção metodológica que assumimos.

Para clarificar o processo de investigação, este estudo irá abordar a metodologia qualitativa, de natureza interpretativa, que se baseia na compreensão do fenómeno em estudo partindo da perspectiva dos intervenientes, tentando captar as suas opiniões e ideias pormenorizadas sobre os assuntos.

Segundo Bogdan e Biklen, (1994), p.47 a investigação qualitativa compreende cinco características, a saber:

- O ambiente natural é “a fonte direta de dados”, sendo “o investigador o instrumento principal” (p.47). Muitos investigadores passam grande parte do seu tempo em variadíssimos contextos com o intuito de recolher informação que sustente um problema. “Entendem que as ações podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência”. (p.48)
- A investigação qualitativa é descritiva. Os investigadores recolhem os dados através de palavras ou imagens, os dados podem variar entre registos fotográficos, notas de campo ou até documentos, são ainda tratados de forma cuidada e respeitam na íntegra, a informação recolhida.
- Os autores Bogdan e Biklen, (1994) revelam que “os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos” (p.49). Mas é fundamental que exista uma forte coerência entre o problema, o seu fundamento, as orientações que o envolvem e a metodologia adotada.

- Os dados são analisados de *forma indutiva*, isto é, só começam a organizar-se à medida que a investigação vai decorrendo,” não presume que se sabe o suficiente para reconhecer as questões importantes antes de efetuar a investigação.” (p.50)

- Numa abordagem qualitativa o significado é essencial, os investigadores “estão interessados no modo como diferentes pessoas dão sentido às suas vidas” Bogdan e Biklen, (1994), p.50). Interessa sobretudo as experiências e as vivências pessoais dos indivíduos em sociedade.

Segundo Afonso, (2014) o significado está relacionado com a forma, como cada indivíduo interpreta “o mundo social a partir da experiência subjetiva”, (p.34). A investigação interpretativa é segundo Erickson, (1989) do “interesse central no significado humano, na vida social e na sua explicação e exposição por parte do investigador”. (p.119)

Todavia, a consciência plena dos atos e a vivência pessoal do profissional segundo Afonso, (2014) “explicita a especificidade do seu olhar de investigador, tornando-o mais transparente e autocrítico, clarificando as “relações de produção” do discurso científico na situação concreta em análise” (p.49). Ao invés de uma tentativa ingênua de produzir uma investigação neutra.

Acreditamos que durante qualquer pesquisa o investigador deve avaliar cuidadosamente o seu primeiro momento de recolha de informação, enquadrar as ideias ao estudo do problema, completar informações que eventualmente possam surgir de modo a rever todo o seu percurso investigador e alterá-lo, se conveniente. Assim pretende-se desvelar no próximo tópico os intervenientes no estudo em questão.

3.2 Intervenientes no estudo

O presente estudo em contexto natural acolhe uma turma de 2.º ano de uma escola de 1.º ciclo do Ensino Básico, do concelho de Almada. Os participantes diretos ao estudo são:

- 4 docentes do 1º ciclo dos quatro níveis do Ensino Básico

Género	Idade	Tempo de serviço
Masculino	42	12
Feminino	59	24
Feminino	44	18
Feminino	51	20

Tabela 1 – Características dos intervenientes no estudo

3.3 Instrumentos de recolha de dados

Instrumentos de recolha de dados, são todos os materiais capazes de ser utilizados, no desenvolvimento de uma investigação. A recolha de dados ocorre por norma em ambiente natural e é seguramente uma etapa fulcral do processo investigativo. A recolha de dados neste estudo baseou-se sobretudo na observação, notas de campo, fotografias e entrevistas.

Foi então através da observação “particularmente útil e fidedigna, enquanto a informação obtida não se encontra condicionada pelas opiniões e pontos de vista dos sujeitos” (...), (Afonso,2014, p.98), que surgiu a problemática investigada.

A observação pode apresentar-se de forma direta ou indireta, segundo Quivy e Campenhoudt, (2005), na observação direta, o observador “procede diretamente à recolha das informações, sem que haja intervenção dos sujeitos observados” (p.19), na observação indireta “o investigador dirige-se ao sujeito para obter a informação procurada”. (p.19)

O autor Afonso (2014) reforça que a observação “é necessariamente estruturada na medida em que o seu ponto de partida é sempre um questionamento específico do

contexto empírico em causa orientado, ou seja, “estruturado”, a partir das questões de partida e dos eixos de análise da investigação”. (p.98)

Como complemento à prática observada o recurso à fotografia e às notas de campo foram também uma prática constante durante o momento de estágio.

Segundo os autores Bogdan e Biklen, (1994) as fotografias embora “possam não provar nada de forma conclusiva, quando usadas em conjunção com outros dados podem adicionar-se a uma pilha crescente de provas” (p.186). O que compreende uma melhor interpretação dos dados, perante a reunião das várias técnicas de recolha.

As notas de campo são segundo Bogdan e Biklen, (1994) “o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha e refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo” (p.150). As mesmas foram utilizadas como um complemento à observação, através do registo diário da prática, beneficiando assim de eventuais lapsos de memória.

A presente investigação visa ainda uma investigação indireta recorrendo a entrevistas semiestruturadas onde as mesmas obedecem a um guião “construído a partir das questões de pesquisa e eixos de análise do projeto de investigação”. (Afonso,2014, p.106)

Apesar da sua orientação em relação aos objetivos traçados, a mesma permite uma certa flexibilidade ao incorporar novas ideias que possam surgir durante a entrevista, o que permite obter dados comparáveis entre os entrevistados. Uma das estratégias a adotar, será um modelo de perguntas abertas o que permite acrescentar ou retirar informação, igualmente importante, é procurar que o entrevistado descreva a resposta e não que responda taxativamente.

A entrevista aos sujeitos participantes “é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo” (Bogdan e Biklen, 1994, p.134). É seguramente um recurso valioso na obtenção de um leque de explicações, que os diversos intervenientes possuem sobre o mesmo tópico.

Para Bogdan e Biklen, (1994) um dos benefícios maiores numa entrevista é “a necessidade de ouvir cuidadosamente” (p.137), com o intuito de compreender a mensagem que é desvelada. Os mesmos autores Bogdan e Biklen, (1994) referem que “os entrevistadores têm de ser detetives, reunindo partes de conversas, histórias pessoais e experiências, numa tentativa de compreender a perspetiva pessoal do sujeito”. (p.139)

Outro fator não menos importante aquando da entrevista está relacionado com a ética, “as identidades dos sujeitos devem ser protegidas” (Bogdan e Biklen, 1994, p.77). Bem como a informação revelada não deve ser utilizada, para outros fins.

Uma eficiente entrevista segundo Bogdan e Biklen, (1994) produz “uma riqueza de dados, recheados de palavras que revelam as perspetivas dos respondentes. As transcrições estão repletas de detalhes e de exemplos”. (p.136)

Reconhecer a importância de uma investigação qualitativa em educação é compreender todas as fases do seu processo, com o objetivo final de obter respostas ao estudo desenvolvido.

3.4. Análise à recolha de dados

Relativamente à fase inicial do estudo foi realizada uma análise de conteúdo às quatro entrevistas, pretendendo averiguar os dados recolhidos. Segundo Quivy e Campenhoudt, (1992)

em investigação social, o método das entrevistas está sempre associado a um método de análise de conteúdo. Durante as entrevistas trata-se, de facto, de fazer aparecer o máximo possível de elementos de informação e reflexão, que servirão de materiais de análise sistemática de conteúdo que corresponda, por seu lado, às exigências de explicação, de estabilidade e de intersubjetividade dos processos. (p.195)

Após a recolha dos dados, estes necessitam de ser analisados, transcritos e interpretados e para uma melhor compreensão foram agrupados numa ficha síntese onde constam os excertos das entrevistas divididos por temas e consequente interpretação.

Contudo, e para uma melhor compreensão dos elementos apresentados ao longo deste relatório, considera-se pertinente revelar no próximo capítulo o projeto de intervenção, ainda que abreviadamente, focando a sua problemática, a sua fundamentação e os seus objetivos, permitindo enquadrá-lo à presente investigação.

Capítulo IV: - Projeto de Intervenção

O projecto é o rascunho do futuro

(Jules Renard)

4.1. Projeto de intervenção (problemática)

Uma das questões fundamentais à realização de uma investigação é identificar o problema e implementar estratégias que se adequem à resolução do mesmo. Estas estratégias resultaram de uma observação, enquanto técnica comum em contexto de estágio, em que Bisquerra (1989) afirma, que “o investigador deve descrever e compreender tudo à sua volta” (p.88). Da observação surgiu a problemática, relacionada com a menor importância atribuída à área curricular de Estudo do Meio.

4.1.2. Fundamentação do projeto

O projeto interventivo designou-se “Cidade arco Íris” e visou abordar os conteúdos programáticos da área curricular de Estudo do Meio sob forma interdisciplinar e decorreu no período compreendido entre 28 de setembro de 2020 e 19 de janeiro de 2021.

O tema do projeto surgiu, após a análise ao programa curricular de Estudo do Meio, dialogou-se com a turma numa tentativa de compreender as suas preferências e interesses, possibilitando-lhes um maior contacto com as temáticas desta área curricular, partindo de um tema que fosse transversal a vários conteúdos.

Para integrar vários subtemas do programa, a organização e planeamento das várias atividades decorrentes desta proposta, centram-se nos seguintes blocos/temas do programa de Estudo do Meio.

- Bloco1 - “À descoberta de si mesmo” - “A segurança do seu corpo”.
- Bloco 2 - “À descoberta dos outros e das Instituições – “A vida em sociedade”, “Modos de vida e funções de alguns membros da comunidade”, “Instituições e serviços existentes na comunidade.
- Bloco – 3 “À descoberta das inter-relações entre espaços” - “Os seus itinerários”, “Os meios de comunicação”.

No decorrer do projeto a envolvimento em atividades práticas foram sempre delineadas pelos alunos, dando-lhes voz e visando sempre os seus interesses. Foram então planejadas um conjunto de atividades diversificadas e no que lhe concerne, permitiram chegar aos vários grupos de alunos, tendo em conta a especificidade de cada criança, além de permitirem desenvolver competências na área de Estudo do Meio, em articulação com outras áreas do saber, numa perspectiva interdisciplinar.

Surgiu assim a ideia de construir, a “Cidade arco-íris” em maquete, veiculando a sua ligação à área de Expressões. A maquete de formato artesanal desenvolveu-se recorrendo a materiais recicláveis sugeridos pelas crianças, numa clara educação sustentável sendo concebida como instrumento pedagógico e a sua incursão segundo Oliveira, (2017) “pressupõe utilizar e compreender a arte numa perspectiva transversal do currículo, convertendo-se numa das estratégias possíveis para potenciar a dimensão da cidadania e da criatividade na escola do futuro”. (p.8)

4.1.3. Objetivos

- Valorizar o potencial da área de Estudo do Meio na promoção de aprendizagens interdisciplinares;
- Tomar como referência o conhecimento prévio dos alunos, os seus interesses e necessidades, valorizando situações do dia a dia e questões de âmbito local, enquanto instrumentos facilitadores da aprendizagem;
- Identificar os principais elementos do Meio Social envolvente (família, escola, comunidade e suas formas de organização e actividades humanas) comparando e relacionando as suas principais características;
- Promover o potencial cognitivo e criativo do estudante ao facilitar experiências visuais e plásticas, enfatizando a sensibilidade estética e artística;
- Privilegiar atividades práticas como parte integrante e fundamental do processo de aprendizagem;
- Centrar os processos de ensino nos alunos, enquanto agentes ativos na construção do seu próprio conhecimento incentivando a resolução de problemas, raciocínio e comunicação;
- Fomentar uma educação sustentável apelando à reciclagem de materiais;
- Potenciar a articulação de atividades de Estudo do Meio com a Matemática e o Português;

Além dos objetivos acima mencionados, aquando do desenvolvimento das atividades teve o cuidado de salientar os seguintes objetivos:

- Inter-relacionar aspetos da vida em sociedade, reconhecendo regras de convivência social, de respeito pelos outros e de diálogo.
- Reconhecer a diversidade na organização da vida em sociedade ao longo dos tempos e a sua relação com as condições naturais ao compreender diferentes instituições e serviços na comunidade (exemplos: serviços de saúde, correios, bancos, autarquias, organizações religiosas) e atividades e funções de alguns membros da comunidade (exemplos: profissões).

(Metas na Aprendizagem do Estudo do Meio – 1º ciclo – Porto Editora)

4.1.4. Procedimentos

A ideia embrionária da construção em maquete de uma cidade foi desde o início sustentada pela professora cooperante e as intervenções realizadas foram um complemento à sua ação. Foi acordado, o dia disponível à realização das atividades relacionadas com o projeto, indo ao encontro do programa curricular. No entanto, existiu sempre uma flexibilidade e disponibilidade da professora cooperante, em eventuais alterações que pudessem surgir.

Procurou-se sempre, a envolvimento dos alunos em atividades práticas relacionando-as com os conteúdos a abordar, dando-lhes voz e visando sempre os seus interesses. Saliento ainda que o projeto foi estruturado e sustentado através das orientações dos documentos normativos, de forma a desempenhar uma prática consciente e segura, nunca comprometendo as ações da professora cooperante.

A tabela seguinte evidencia as estratégias desenvolvidas no decorrer do projeto.

Procedimentos/Estratégias desenvolvidas
<ul style="list-style-type: none"> • Favorecer oportunidades de experimentação e manipulação de materiais através de atividades práticas
<ul style="list-style-type: none"> • Articular os temas do Estudo do Meio com as outras áreas curriculares
<ul style="list-style-type: none"> • Potenciar as atividades lúdicas como processo de aprendizagem
<ul style="list-style-type: none"> • Sensibilizar à criatividade proporcionando experiências visuais gratificantes
<ul style="list-style-type: none"> • Enfatizar a importância de atitudes e hábitos de respeito pelo meio ambiente
<ul style="list-style-type: none"> • Respeitar a diversidade cultural e sua inclusão, a vivência em sociedade, a capacidade de entreajuda e inter-relações entre espaços
<ul style="list-style-type: none"> • Promover atitudes de pesquisa incentivando a um pensamento crítico e reflexivo
<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer a importância de cada serviço/instituição em comunidade
<ul style="list-style-type: none"> • Fomentar o apoio tutorial como estímulo de aprendizagens e autonomia
<ul style="list-style-type: none"> • Facilitar a comunicação matemática, oral e escrita, descrevendo raciocínios, procedimentos e conclusões, além de descrever situações, pessoas/personagens, espaços através de percursos pedagógicos didáticos interdisciplinares com Estudo do Meio, Matemática e Expressões

Tabela 2 – Procedimentos/Estratégias do projeto interventivo

No quadro seguinte é possível observar as diversas atividades referentes ao projeto e a outros temas.

4.1.5. Cronograma de ações do projeto interventivo

	outubro		novembro			dezembro			janeiro			
Observação da turma	■	■		■			■			■		
Necessidade e interesse da turma		■	■	■	■							
Filosofia para Crianças		■	■	■	■							
Intervenção (números pares e ímpares)		■										
Identificação do problema		■										
Envolvimento das crianças no projeto				■	■	■	■					
Intervenção - Construção do projeto - cidade				■	■	■	■					
Intervenção - Chuva de Ideias – (conteúdos de Estudo do Meio)				■								
Tema do Projeto				■								
Conhecimento prévio do tema				■								
Intervenção (leitura dum livro enquadrado ao projeto; conteúdos de Estudo do Meio)		■										
Ficha sobre o livro - Itinerários (enquadrado ao projeto; Conteúdos de Estudo do Meio)		■										
Intervenção - Sinais e regras de trânsito (enquadrado ao projeto; Conteúdos de Estudo do Meio)				■								
Ficha de ilustração dos sinais				■								
Construção em conjunto com a turma, de materiais para o projeto - Expressões				■	■	■	■		■			
Construção do mar em conjunto com a turma - Expressões							■					
Puzzle dos Serviços e Profissões (atividade/orientadora)								■				
Gráfico humano/barras no projeto (atividade/ orientadora)									■			
Expressões (em conjunto com a turma) – Projeto										■		
Passeio à beira-mar (atividade /orientadora)												■
Apresentação do projeto												■

Quadro 1 – Quadro de Ações

 Ações do projeto interventivo

4.2. Avaliação do projeto

A realização deste projeto foi pessoalmente muito gratificante, no sentido de ir ao encontro das necessidades da turma, tendo como principal objetivo valorizar a área de Estudo do Meio, perante o seu potencial interdisciplinar abordando os conteúdos curriculares, recorrendo a atividades práticas e lúdicas, em confluência com outras áreas do saber, nomeadamente o Português, a Matemática e a Educação Artística (artes visuais).

Com a realização deste projeto em maquete ficou patente o entusiasmo das crianças à medida que o projeto ia a avançar, pois, todos os dias perguntavam se podiam trabalhar no projeto.

A partir daqui procurou-se diversificar recursos, estratégias, instrumentos de avaliação, metodologias de trabalho permitindo a estes alunos contactar com formas de trabalho diferenciadas, acedendo aos conteúdos relacionando-os entre si, de modo diferente daquele, a que estavam habituados. Ainda se tentou uma abordagem à metodologia de projeto, na prática, contudo as dinâmicas da turma e o modelo pedagógico adotado pela professora cooperante não permitiram essa abordagem, no entanto, pretendi sempre centrar a turma na conceção do projeto, bem como no seu desenvolvimento, o que capacita o estudante como sujeito principal das suas aprendizagens.

As crianças revelaram sempre empenho e interesse nas atividades propostas, no embelezamento dos materiais: a escolha da cor, a seleção; a colagem, feita sempre com delicadeza derivado à fragilidade dos materiais.

Este projeto serviu também para desvelar algumas carências de determinadas crianças em relação à expressão artística, nomeadamente, a motricidade fina pouco desenvolvida, que resulta do pouco estímulo que a criança detém. No entanto, acreditamos que este projeto contribuiu para o “alargamento e enriquecimento das experiências visual e plástica dos alunos, contribuindo para o desenvolvimento da sensibilidade estética e artística, despertando, ao longo do processo de aprendizagem, o gosto pela apreciação e fruição das diferentes circunstâncias culturais” (A.E.p.1). No final do projeto e como forma de divulgação, a maquete ficou exposta nas despidas paredes da sala, devido à pandemia, trazendo luminosidade e cor.

Após a síntese do projeto interventivo, é oferecido uma visão global do trabalho desenvolvido, que contribui naturalmente à análise do processo de investigação e à interpretação dos dados obtidos, que iremos abordar no capítulo seguinte.

Capítulo V: – A Meta – Interpretação dos dados e sua análise

A persistência é o caminho do êxito.

(Charles Chaplin)

Seguindo o processo de análise o mesmo decorreu sobre os elementos integrantes do estudo, as notas de campo, entrevistas e fotografias no âmbito do projeto de intervenção na unidade curricular de PES II.

Segundo os autores Bogdan e Biklen, (1994)

A análise de dados é o processo de busca e de organização sistemático de transcrições de entrevistas, de notas de campo e de outros materiais que foram sendo acumulados, com o objetivo de aumentar a sua própria compreensão desses mesmos materiais e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou. (p.205)

Para uma melhor compreensão dos dados qualitativos obtidos, recorreu-se à análise das atividades decorrentes na PES II e conseqüente análise de conteúdo às fichas sínteses das entrevistas. Os restantes excertos podem ser consultados na íntegra, nas entrevistas transcritas (anexo).

Sublinho que o Bloco 3 além de manter as perguntas 1,2,3,4 e 5 foram acrescentadas duas questões relativamente ao projeto de intervenção, exclusivamente dedicado à professora cooperante.

5.1. Apresentação e análise das atividades desenvolvidas na PES em 1º ciclo

Como já foi referido anteriormente o projeto de intervenção pautou-se pela valorização da área de Estudo do Meio e o seu potencial interdisciplinar, as atividades focaram-se essencialmente na articulação do programa curricular de Estudo do Meio, com o Português, a Matemática, as Expressões e a Cidadania. As atividades procuraram de uma forma global ir ao encontro do estudante, capacitando-o como sujeito principal

pela sua aprendizagem em consonância, com a articulação dos vários conteúdos curriculares, potenciando assim aprendizagens integradoras.

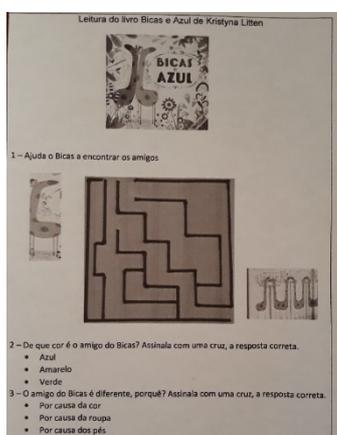
Foram seleccionadas cinco atividades, que reforçam a análise à nossa investigação.

Atividade 1 – “Leitura do livro Bicas e Azul” de Kristyna Litten

Nesta atividade definimos como conteúdos a apresentar no tema de Estudo do Meio “A vida em sociedade” a diversidade cultural, o respeito pela diversidade e sua inclusão, a vivência em sociedade, a capacidade de entreaajuda e inter-relações entre espaços, onde igualmente se cruzam saberes com outras áreas, nomeadamente Cidadania, Português e Expressões.

Pretendeu-se com esta atividade mobilizar conhecimentos sobre a língua e o mundo, valorizar a diversidade cultural dos textos (ouvidos ou lidos), reconhecer as múltiplas pertenças de cada pessoa a diferentes grupos e comunidades e desenvolver atitudes e valores.

Como fator avaliativo foi realizada uma ficha formativa de consolidação dos conteúdos apresentados, onde foi possível verificar que a turma na sua totalidade, consolidou os objetivos propostos, devido aos relatos orais, os quais foram registados em notas de campo, aqui transcritos. A criança W.R. respondeu “a cor não interessa, interessa é a amizade” (notas de campo 22/10/20). Também a criança G.M. afirmou “a minha mãe diz que se virmos na rua alguém que precise da nossa ajuda, devemos ajudar”. (notas de campo 22/10/20)



Fotografia 1 – Ficha formativa Bicas e Azul

Atividade 2 – “Chuva de Ideias”

Esta atividade prendeu-se com o início do projeto interventivo onde foi proposto à turma, a escolha de um nome para a cidade. Enquadrou-se a atividade ao tema “A vida em sociedade” aliando os conteúdos curriculares de Estudo do Meio (diálogo, votação, consenso) à atividade, tendo como objetivos de aprendizagem fomentar o pensamento crítico, reconhecer e aplicar formas de harmonização de conflitos, focando igualmente a área do Português através da expressão escrita e oral e das Expressões sob forma ilustrativa.

A atividade pautou-se por atribuir um nome à cidade, sob uma “chuva de ideias”, onde cada criança escreveu o nome pretendido e igualmente realizou a ilustração.

A técnica “chuva de ideias” propõe encontrar ideias/soluções que permitam a cada interveniente exprimir a sua opinião e debater as opiniões dos outros elementos, de modo a chegar ao melhor resultado.

Após a recolha de todos os nomes iniciou-se a votação com o intuito de selecionar os nomes mais interessantes, essa seleção foi feita pela estagiária e pela docente. Selecionou-se cinco nomes e foram novamente a votação, sendo o nome mais votado “Cidade arco-íris”.

Como registo avaliativo, a turma preencheu uma ficha do manual dedicado a este tema, onde se observou as aprendizagens individuais de cada criança. Em relação à Cidadania, as aprendizagens foram notórias nas atitudes de respeito com os seus pares, através do diálogo, consenso e igualmente em todo o processo democrático da eleição.

Ao nível do Português as aprendizagens foram verificadas através da expressão escrita, expressão e compreensão oral, ao nível da Matemática através do raciocínio e resolução de problemas que envolveram a atividade, igualmente as expressões estiveram presentes através da ilustração, correspondendo assim à aquisição dos objetivos previamente estabelecidos.



Fotografia 2 – Nome eleito para a cidade

Atividade 3 – Puzzle dos Serviços

Esta atividade consistiu na resolução de um *puzzle* de serviços e identificação dos serviços/instituições presentes na Cidade arco-íris, fazendo a respetiva associação profissão/serviço. Como objetivos de aprendizagem durante a ação foi estabelecida a relação das profissões, com utensílios ou meios de trabalho, o saber identificar e relacionar a utilidade de cada instituição ou serviço, a assunção de atitudes e valores como contributo a uma participação cívica, solidária e crítica e ainda a compreensão da intencionalidade dos símbolos e dos sistemas de comunicação visual.

Esta atividade enquadrou-se no tema curricular de Estudo do Meio “Instituições e serviços existentes na comunidade e Profissões e Utensílios” em articulação com o Português através da compreensão oral, expressão oral, leitura e expressão escrita, das Expressões pelo enriquecimento das experiências visual e plástica, sensibilidade estética e artística e da Matemática através da resolução de problemas, raciocínio e comunicação, assimilação.

Ao concluir pretendeu-se com esta atividade descobrir o conhecimento prévio em relação ao tema, promover o apoio tutorial, como estratégia de aquisição de conhecimento e autonomia, e privilegiar as atividades práticas como parte integrante e fundamental do processo de aprendizagem, pois permitem o diálogo, exposição de ideias e partilha de saberes. Por fim, como instrumento de avaliação foi proposto à turma a realização de uma pequena ficha formativa sobre os conteúdos lecionados, onde se observaram as aprendizagens individuais e em grupo, indo ao encontro dos objetivos previamente definidos.



Fotografia 3 – Atividade puzzle dos serviços

Atividade 4 – “Gráfico humano dos serviços”

Esta atividade decorreu sob o tema “Instituições e serviços existentes na comunidade” do programa de Estudo do Meio, com enfoque no tema matemático “Organização e tratamento de dados”.

Os conteúdos abordados ao nível do Português foram a compreensão oral, expressão oral, leitura e expressão escrita. Relacionando com a área das Expressões promoveu-se o enriquecimento das experiências visuais e criação de movimentos a partir de temáticas. Ao nível da Matemática focou-se a organização e tratamento de dados - resolução de problemas, raciocínio e comunicação matemática.

Em relação aos objetivos de aprendizagem sublinhou-se a importância de potenciar o raciocínio hipotético dedutivo, que levem os estudantes à formulação de conjunturas, à recolha, organização e interpretação de dados qualitativos e quantitativos discretos, utilizando diferentes representações interpretando a informação representada.

Outro dos objetivos focados foi desenvolver interesse pela Matemática e valorizar o seu papel no desenvolvimento das outras ciências e domínios da atividade humana e social, bem como transformar os conhecimentos adquiridos em novos modos de apreciação do mundo, através da comparação de imagens e/ou objetos. Selecionar informação relevante em função dos objetivos de escuta e registá-la através de técnicas diversas foi o último objetivo proposto.

A atividade pautou-se por registar a importância de cada serviço, do ponto de vista pessoal, formando várias filas onde cada criança se colocava mediante o serviço mais importante, organizando os dados sob a forma de um gráfico humano. Foram registadas as informações obtidas no quadro, sob a forma de tabela, no sentido de simplificar a compreensão do gráfico.

Por fim e como síntese das aprendizagens, cada criança realizou uma ficha formativa sobre os conteúdos abordados, todavia após observação a algumas fichas, foi notório as dificuldades apresentadas por algumas crianças, sobretudo na interpretação oral ao invés do raciocínio e da interpretação dos dados, no entanto, e durante o período da correção foram esclarecidas as dúvidas e assimilados os objetivos.

Atividade 5 – “Um passeio à beira-mar”

Esta atividade decorreu sob o tema principal de Estudo do Meio: as profissões, com especial ênfase ao nível do Português, sendo a compreensão e expressão oral, leitura e escrita, os conteúdos mais abordados.

Os conteúdos da área de Expressões foram mobilizados no enriquecimento das experiências visual e plástica, sensibilidade estética e artística. A envolvimento com a Matemática ficou patente através da organização e tratamento de dados.

Pretenderam-se como objetivos de aprendizagem mobilizar, experiências e saberes no processo de construção de sentidos do texto, proceder à revisão de texto, individualmente ou em grupo após discussão de diferentes pontos de vista, bem como resolver problemas envolvendo a organização e tratamento de dados em contextos familiares variados, assim como manifestar capacidades expressivas e criativas nas suas produções plásticas, evidenciando os conhecimentos adquiridos e mobilizar o conhecimento em diferentes áreas e em contextos diversos.

A atividade decorreu em grupo e consistiu na leitura e interpretação de um texto original recorrendo a questões. No aspeto gramatical, foi abordado o conceito de parágrafo e a sua função na frase. Posteriormente foi entregue a cada grupo o mesmo texto, mas cortado em tiras, onde foi proposto a reconstrução da história e a sua ilustração. No fim da atividade os trabalhos das crianças foram expostos na parede, revelando o registo coletivo da turma e a sua envolvimento na elaboração da atividade.

Como elemento avaliativo procedeu-se a uma ficha formativa, onde através da observação foi possível concluir, que as crianças assimilaram o conceito de parágrafo e responderam corretamente às perguntas, alcançando os objetivos propostos.



Fotografia 4 – Registro coletivo da atividade um passeio à beira-mar



Fotografia 5 – Conclusão do projeto

5.2. Síntese das atividades decorrentes na PES II

Analisando todas as atividades realizadas e presentes neste relatório final, podemos verificar que as ações corresponderam a uma visão holística das diversas áreas de conhecimento, acabando por valorizar a área de Estudo do Meio numa perspectiva integradora. Salientamos a importância dos conteúdos adquiridos ao nível da linguística, nomeadamente a sintaxe nas frases, isto é: as regras que constituem a organização das frases, a compreensão oral e escrita, bem como, ao nível da matemática a exploração de situações problemáticas ao “procurar regularidades, fazer e testar conjecturas, formular generalizações, pensar de maneira lógica”. (CNEB,2007, p.57)

Focando a importância das Expressões o CNEB (2007) assegura que “a vivência artística influencia o modo como se aprende, como se comunica e como se interpretam os significados do quotidiano” além de contribuir “para o desenvolvimento de diferentes competências” com influência no “que se pensa e no que se produz com o pensamento”. (p.149)

Verificamos então que as atividades decorreram sempre com enorme sentido de responsabilidade e empenho, indo ao encontro dos documentos normativos além de serem um complemento à ação da professora. Foi igualmente respeitada a individualidade de cada criança, ao demonstrar confiança nas suas ações e centrá-la como elemento fundamental, à construção do próprio conhecimento.

De seguida apresentamos a análise às entrevistas, no intuito de compreender melhor a nossa investigação.

5.3. Apresentação e análise das entrevistas

Deste modo foram realizadas entrevistas semiestruturadas a quatro docentes do 1.º ciclo do ensino básico, visando recolher opiniões e o ponto de vista de cada um, em relação ao problema.

Os entrevistados foram informados sobre os objetivos da mesma e solicitou-se autorização para a gravação das mesmas, para garantir a total recolha de dados, garantiu-se ainda o anonimato dos intervenientes. Os entrevistados foram igualmente informados, que as entrevistas seriam facultadas se assim o desejassem.

As entrevistas foram realizadas no final do terceiro período e decorreram em contexto escolar, onde os entrevistados exprimiram as suas opiniões em total liberdade. Igualmente importante foi a disponibilidade de cada docente na concretização das entrevistas.

As questões que fizeram parte do guião de entrevistas semiestruturadas foram as seguintes:

1. Considera suficiente o tempo letivo atribuído ao Estudo do Meio e porquê?
2. Sente que o tempo letivo influencia de alguma forma, a gestão dos conteúdos?
3. Considera que é atribuída uma maior importância às outras áreas, em detrimento do Estudo do Meio?
4. Qual a valorização que os professores do 1º ciclo atribuem ao Estudo do Meio, numa perspetiva interdisciplinar?
5. Quais as dificuldades sentidas na inclusão da área de Estudo do Meio em contexto interdisciplinar?
6. Considera que o projeto interventivo foi ou não influente nas aprendizagens da turma e de que forma?
7. Como avalia o percurso do projeto interventivo?

Salientamos que as questões foram iguais para todos os docentes, no entanto, acrescentaram-se duas perguntas, exclusivamente dirigidas à professora cooperante, respeitantes ao projeto de intervenção.

Em seguida serão apresentadas as fichas sínteses das entrevistas, organizadas por categorias o que permite uma interpretação mais eficaz, tendo como referência as questões em estudo e os objetivos da investigação.

1. Dados identificativos:	
Perfil do entrevistado	O docente tem 42 anos, é licenciado em 1º ciclo, variante educação física, exercendo funções há doze anos.
Local da entrevista	A entrevista foi realizada na sala da escola onde o professor exerce funções. O docente mostrou-se disponível e motivado, partilhando inclusive, as suas próprias experiências de início de carreira.

2. O currículo	
Considera suficiente o tempo letivo atribuído ao Estudo do Meio e porquê?	O docente revelou ser adequado o tempo letivo porque segundo ele “os alunos já possuem um conhecimento prévio do meio”.
Sente que o tempo letivo influencia de alguma forma, a gestão dos conteúdos?	Considera que “os tempos letivos acabam por ser adequados” porque conseguimos aproveitar a flexibilidade do programa e gerir os conhecimentos e as competências previstas no programa de Estudo do Meio. “
Considera que é atribuída uma maior importância às outras áreas, em detrimento do Estudo do Meio, justifique?	Concorda com a afirmação aceitando as áreas nucleares como o Português e a Matemática de maior influência, relegando para segundo plano o Estudo do Meio, como afirmou. “Acabo por concordar com essa afirmação na medida em que temos as áreas nucleares, como o Português e a Matemática. E o Estudo do Meio, por um lado acaba por ficar em segundo plano”.

3. Valorização ou problematização da área de Estudo do Meio sob uma perspetiva interdisciplinar	
Qual a valorização que os professores do 1º ciclo atribuem ao Estudo do Meio, numa perspetiva interdisciplinar?	Estabelece o currículo como a ponte para os variados conteúdos interdisciplinares, pois referiu que “a valorização está no currículo total, estabelecendo os paralelismos entre os vários conteúdos das várias disciplinas”.
Quais as dificuldades sentidas na inclusão da área de Estudo do Meio em contexto interdisciplinar?	Não revela dificuldades em trabalhar o Estudo do Meio de uma forma interdisciplinar. Invoca vários projetos interdisciplinares e refere-se às DAC como “outra ferramenta importante, pois conseguimos aplicar determinado conteúdo e aproveitar para as áreas todas, ou seja, o Português, a Matemática as Expressões”.

1. Dados identificativos:	
Perfil do entrevistado	A docente tem 59 anos, é licenciada em 1º ciclo exercendo funções há vinte e quatro anos.
Local da entrevista	A entrevista decorreu na sala da escola onde a docente exerce funções, a docente mostrou-se disponível e interessada sobre o tema da investigação.

2. O currículo	
Considera suficiente o tempo letivo atribuído ao Estudo do Meio e porquê?	Igualmente esta docente considera adequado o tempo letivo referindo uma ligação da área à interdisciplinaridade “sim, o horário está bem dividido, está equilibrado dentro do que é exigido, até porque há uma interdisciplinaridade, e se estamos a dar português recorremos ao Estudo do Meio, está tudo ligado”.
Sente que o tempo letivo influencia de alguma forma, a gestão dos conteúdos?	Considera que a assimilação de conteúdos se prende com o ritmo de trabalho de cada criança, como afirmou: “Eu acho que tudo depende do ritmo de trabalho dos alunos, gerimos a situação conforme o grupo de trabalho, que temos à nossa frente e das necessidades que vamos sentindo nas crianças”.
Considera que é atribuída uma maior importância às outras áreas, em detrimento do Estudo do Meio, justifique?	A docente atribui os avanços ou recuos em determinado conteúdo devido ao grupo de trabalho e considera importante despende maior tempo a qualquer área, onde exista dificuldade. “Não podemos falar em importância, temos de falar em grupo de trabalho que temos à nossa frente, se existir maior dificuldade numa determinada área, eu vou despende mais tempo a essa área, e sem tirar mais tempo a qualquer outra área, e vou gerindo assim também as outras áreas”.

3. Valorização ou problematização da área de Estudo do Meio sob uma perspetiva interdisciplinar	
Qual a valorização que os professores do 1º ciclo atribuem ao Estudo do Meio, numa perspetiva interdisciplinar?	Não sente valorização nem desvalorização no Estudo do Meio, sente sim dificuldade em gerir a carga horária como foi referido “sinto que nós professores temos dificuldades em gerir a carga horária e vamos equilibrando, fazendo a planificação de acordo com o horário que temos. Vamos gerindo e orientando para não correr o risco de desvalorizar uma área em relação à outra”.

Quais as dificuldades sentidas na inclusão da área de Estudo do Meio em contexto interdisciplinar?	A docente não demonstra dificuldades na inclusão da área de Estudo do Meio em contexto interdisciplinar e até reforça afirmando “é sem dúvida uma mais-valia e faço da interdisciplinaridade uma prática diária”.
--	---

1. Dados identificativos:	
Perfil do entrevistado	A docente tem 44 anos, é licenciada em 1º ciclo, variante Educação Física, exercendo funções há dezoito anos.
Local da entrevista	A entrevista decorreu na sala da escola onde a docente exerce funções, e mostrou-se disponível e interessada.

2. O currículo	
Considera suficiente o tempo letivo atribuído ao Estudo do Meio e porquê?	Também esta docente considera suficiente o tempo letivo atribuído, todavia “porque não entramos em flexibilidade”.
Sente que o tempo letivo influencia de alguma forma, a gestão dos conteúdos?	Revela que o tempo letivo influencia a gestão dos conteúdos evocando a flexibilidade que referiu na pergunta anterior e garante que “ao entrarmos em flexibilidade curricular o programa do 4º ano é um pouco extenso e vai ser complicado abordar todos os conteúdos, com menos horas”.
Considera que é atribuída uma maior importância às outras áreas, em detrimento do Estudo do Meio, justifique?	Atribui maior importância ao Português e à Matemática do que ao Estudo do Meio afirmando que “a importância está mais direcionada para o Português e para a Matemática”, justifica a sua opinião “porque são duas áreas fundamentais para a progressão e era necessário um pouco mais de tempo para as lecionar, se calhar não tanto a Português, porque o programa não é tão extenso, mas a Matemática torna-se fundamental e por isso se tem dado menos tempo ao Estudo do Meio”.

3. Valorização ou problematização da área de Estudo do Meio sob uma perspetiva interdisciplinar	
Qual a valorização que os professores do 1º ciclo atribuem ao Estudo do Meio, numa perspetiva interdisciplinar?	Refere uma articulação entre os vários ciclos “nesta escola trabalhamos em interdisciplinaridade entre as áreas de conteúdo e os diversos ciclos”. A articulação é igualmente

	feita com o pré-escolar “nós tentamos articular entre os diversos ciclos e se existe uma matéria interessante de partilhar, com os outros anos assim o fazemos, inclusive com o pré-escolar, para as crianças mais novas ficarem com o “bichinho”, do que vão aprender no ano seguinte.
Quais as dificuldades sentidas na inclusão da área de Estudo do Meio em contexto interdisciplinar?	Igualmente não sente dificuldade na inclusão do Estudo do Meio com as restantes áreas, afirmando “não sinto qualquer dificuldade na inclusão do Estudo do Meio, por exemplo em História realizamos cronogramas, cronologias e a matemática aqui está implícita e o português, na escrita e na leitura”.

1. Dados identificativos:	
Perfil do entrevistado	A docente tem 51 anos, é licenciada em 2º ciclo, variante Matemática e Ciências exercendo funções há vinte anos.
Local da entrevista	A entrevista decorreu na biblioteca da escola onde a docente exerce funções, a docente mostrou-se disponível e descontraída abordando o início e o fim desta investigação.

2. O currículo	
Considera suficiente o tempo letivo atribuído ao Estudo do Meio e porquê?	Considera o tempo letivo pouco “abrangeedor porque houve uma reorganização das diferentes áreas e ao Estudo do Meio só coube hora e meia,” como referiu, no entanto considera que por existir flexibilidade “trabalhamos o Estudo do Meio com as outras áreas e acabamos por não sentir tanto essa redução no horário”.
Sente que o tempo letivo influencia de alguma forma, a gestão dos conteúdos?	Em relação a esta questão, sobre se sente influência ou não do tempo letivo na gestão dos conteúdos a docente afirma “acho que não, porque a área de Estudo do Meio é uma área onde os alunos estão sempre motivados e gostam de aprender e depois aliando o Português e a Matemática à área de Estudo do Meio acaba por não ser notória essa redução de horário”.

<p>Considera que é atribuída uma maior importância às outras áreas, em detrimento do Estudo do Meio, justifique?</p>	<p>Igualmente considera uma notoriedade atribuída ao Português e à Matemática, “sim, sem dúvida, o Português e a Matemática são sempre áreas disciplinares onde há mais foco e onde há mais tempo letivo, e como o programa de Português e sobretudo o de Matemática são mais extensos, é necessário cumprir o programa” em detrimento do programa do Estudo do Meio “porque em termos de horas fica sempre mais reduzido”.</p>
--	---

<p>3. Valorização ou problematização da área de Estudo do Meio sob uma perspetiva interdisciplinar</p>	
<p>Qual a valorização que os professores do 1º ciclo atribuem ao Estudo do Meio, numa perspetiva interdisciplinar?</p>	<p>A docente considera a valorização de quaisquer áreas não existindo influência da carga horária, como ela referiu “para mim é uma área valorizada e não é por ter menos carga horária, que deixa de o ser”.</p> <p>Acredita na facilidade de trabalhar todos os conteúdos articulando-os entre si, “acho que realmente todos os conteúdos são explorados de forma correta e consegue-se trabalhar muito bem o Estudo do Meio com o Português e com a Matemática”.</p>
<p>Quais as dificuldades sentidas na inclusão da área de Estudo do Meio em contexto interdisciplinar?</p>	<p>A docente revelou maior facilidade na inclusão do Português com o Estudo do Meio, segundo ela “é sempre mais fácil fazer a interdisciplinaridade entre o Estudo do Meio e o Português, porque ao analisar textos tem tudo a ver” ao passo que com a matemática revelou ser mais difícil no entanto “também se consegue, têm é de ser devidamente planeadas e planificadas”.</p>

<p>4. Avaliação do Projeto</p>	
<p>Considera que o projeto interventivo foi ou não influente nas aprendizagens da turma e de que forma?</p>	<p>A docente considerou a importância do projeto nas aprendizagens, afirmando que “foi um projeto de turma, pensado com os alunos, feito pelos alunos e sempre estiveram motivados e uma das formas que os motivou foram as tarefas desenvolvidas” salientou que “tudo foi construído através da interdisciplinaridade, onde todas as áreas foram trabalhadas. Foi uma mais-valia, onde o projeto em si foi um fio condutor para as atividades propostas”.</p>

Como avalia o percurso do projeto interventivo?	Em relação à avaliação considerou que o projeto “teve princípio, meio e fim. Foi planeado havendo um diálogo com os alunos, onde foi explicado o projeto, para que servia e em que contexto iria ser desenvolvido. Depois foram realizadas as atividades enquadrando sempre com as outras áreas e com os temas do programa do 2º ano. Por fim viram o produto final, fazendo a retrospectiva do que tinham realizado ao longo do projeto. Foi um trabalho bastante bom”.
---	--

Tabela 3 – Fichas sínteses de análise às entrevistas

Os docentes entrevistados consideraram suficiente o tempo letivo atribuído ao Estudo do Meio, evidenciando como vantagens, o conhecimento prévio da criança em relação ao tema e a interdisciplinaridade, podendo assim articular os conteúdos do Estudo do Meio com as restantes áreas, no entanto, frisaram que a organização em torno da flexibilidade limita o tempo letivo, assim como, o não cumprimento do programa na sua totalidade devido à sua extensão.

A questão da influência do tempo letivo na gestão dos conteúdos, gerou menor consenso, revelando convicções diferentes por parte dos docentes. Foi referido não existir receio da influência do tempo letivo e justificado com o aproveitamento da flexibilidade do programa, na aplicação dos conhecimentos do Estudo do Meio com outras áreas, enquanto outros docentes referem a própria flexibilidade e o ritmo individual de trabalho de cada criança, como limitadoras no tempo e com provável influência na aquisição de conhecimento.

Relativamente à importância atribuída às restantes áreas em detrimento do Estudo do Meio, constatou-se que é atribuída uma importância maior à Matemática e ao Português, por serem áreas nucleares focadas na progressão e com programas mais extensos, todavia, foi novamente abordado a relevância do grupo de trabalho na gestão

de dificuldades, onde o apoio prestado é totalmente direcionado para esse fim, independentemente da área curricular, não se verificando a pretensa valorização.

Perante a valorização do Estudo do Meio numa perspetiva interdisciplinar verificou-se a importância do currículo ao estabelecer a ponte entre os vários conteúdos das outras áreas, a carga horária é vista como necessária à não desvalorização de nenhuma área, existindo ainda uma articulação dos conteúdos de Estudo do Meio com

os restantes níveis de ensino, inclusive com o pré-escolar no intuito de conhecer previamente os temas que irão ser abordados num futuro próximo.

Os docentes revelaram não sentir dificuldades na inclusão da área de Estudo do Meio em contexto interdisciplinar e consideraram a interdisciplinaridade uma prática diária, referem como auxílio as tecnologias e as DAC, no entanto, foi referido uma ligeira dificuldade de adaptação do Estudo do Meio à Matemática, sendo preferível a interdisciplinaridade entre o Português.

Em relação ao projeto interventivo e a sua influência nas aprendizagens da turma a docente revelou que o projeto foi totalmente concebido e idealizado a pensar nos alunos, acentuou as atividades como forma de motivação e fio condutor num contexto interdisciplinar. Referiu o diálogo, como fator de desenvolvimento do projeto considerando-o bem estruturado e bem realizado.

Fazendo uma breve retrospectiva, da análise às entrevistas foi possível constatar a concordância no tempo letivo atribuído ao Estudo do Meio, sobressaindo o conhecimento existente da criança em relação ao meio e a articulação de vários saberes.

Ficou registado o papel da flexibilidade curricular na gestão do currículo, revelando pontos de vista diferentes, com possível comprometimento nas aprendizagens, em parte devido aos extensos programas e ao ritmo de aprendizagem individual da criança. Verificou-se igualmente a importância das áreas nucleares justificada pela extensão do programa e pela progressão entre os níveis de ensino, perante o Estudo do Meio.

E sob uma perspetiva interdisciplinar os docentes referiram não possuir dificuldades na sua articulação com as restantes áreas, embora com o português seja mais previsível. Para concluir, o projeto interventivo foi idealizado para os alunos e feito pelos alunos, onde sobressaíram as atividades práticas, fomentando práticas interdisciplinares, trabalhando todas as áreas, o que levou a uma maior motivação nas aprendizagens. Concluído o processo de análise importa agora verificar, a discussão dos resultados.

5.3.1 Discussão dos resultados

Após a análise e interpretação dos dados pretendemos explicitar de forma coerente, a circunstância onde os mesmos se manifestaram e a sua importância na *praxis*.

Delineamos com carácter investigativo partindo do problema e dos seus objetivos, uma discussão fidedigna dos resultados, oferecendo respostas assertivas, concretas e rigorosas resultantes do cruzamento de dados, contudo poderá existir de natureza subjetiva outras compreensões.

Esta etapa propõe o cruzamento e a triangulação dos dados anteriormente analisados, onde se permite detetar as coincidências e as divergências da informação recolhida, assim como a fundamentação teórica apresentada neste relatório final.

Esta discussão irá avançar no intuito de construir respostas à questão norteadora.

1. Qual é a valorização que os professores de 1º ciclo atribuem ao Estudo do Meio, numa perspectiva interdisciplinar?

Dada a transversalidade do Estudo do Meio pela diversidade dos temas que apresenta, esta área incide “sobre temas que se relacionam com as diversas dimensões da vida do homem enquadrado na natureza e nos contextos sociais a que pertence”. (Roldão,1995, p.33)

Procurou-se então compreender durante a realização deste relatório, a importância do Estudo do Meio perante uma perspectiva interdisciplinar, como tentativa de colmatar necessidades e adotar estratégias educativas, que possam promover o sucesso de cada estudante.

Sublinha-se a importância dos conteúdos curriculares e o seu carácter integrador na assimilação de conhecimento. Segundo Pacheco (2004) o currículo constitui-se “como um todo organizado em função de questões previamente planificadas, do contexto em que ocorre e dos saberes, atitudes, valores, crenças que os intervenientes trazem consigo, com a valorização das experiências e dos processos de aprendizagem”. (p.17)

Devido ao seu cariz integrador uma das estratégias educativas abordadas e que reforçam o tema deste trabalho assenta na flexibilidade curricular, onde foram revelados

pontos de vista diferentes por parte dos docentes, em parte devido à extensão dos programas e ao ritmo de aprendizagem das crianças, colocando em causa a aquisição de conhecimento. No entanto, uma característica da flexibilidade é segundo o Decreto-Lei nº.55/2018, (alínea i) “dispor de maior flexibilidade na gestão curricular, com vista à dinamização de trabalho interdisciplinar, de modo a aprofundar, reforçar e enriquecer as Aprendizagens Essenciais”, como aliás foi referenciado pelo docente A que sublinha a importância dos (DAC). Assim sendo e com especial enfoque no trabalho interdisciplinar procurou-se durante a realização deste projeto, reconhecer o potencial da área de Estudo do Meio.

Segundo os autores Pombo et al., (1993) interdisciplinaridade “significa interação mútua, interdependência e interfecundação entre várias disciplinas”. (p.26) Esta definição ficou patente durante a realização duma atividade, onde a turma foi questionada sobre a possibilidade de trabalhar várias áreas curriculares em simultâneo. A criança M.N. afirmou ser possível porque “hoje aprendi um gráfico de barras que tinha os serviços da cidade”. (notas de campo 18/12/20)

Assim as atividades desenvolvidas foram sempre ao encontro das necessidades da turma e de cada criança promovendo aprendizagens em consonância com as outras áreas. Podemos verificar através da análise dos dados, que a articulação das diferentes áreas entre si, correspondem a “um processo de fecundação recíproca, de transferência de conceitos, problemáticas e métodos com vista a uma leitura mais profunda da realidade”. (Pombo,2004, p.155)

Foi facilmente observável durante as atividades propostas, que a interligação das diversas áreas com a harmonização do currículo favorecem as aprendizagens sob uma perspetiva interdisciplinar como já foi referenciado no capítulo II, permitindo adequar estratégias diferenciadas. Verificou-se em todas as atividades apresentadas e dadas as suas dinâmicas a preocupação de abordar os diferentes conteúdos programáticos e articular com as restantes áreas curriculares, sobretudo nas atividades 3,4 e 5.

Constatou-se ao nível do Português a relevância na leitura e na escrita, através do processo de construção de sentidos do texto diferenciando características narrativas e descritivas, associados a finalidades diferentes (lúdicas, estéticas, informativas) (A.E,2018, p.8). Ao nível da oralidade procurou-se corrigir algumas interjeições, com o intuito de evitar incorreções na escrita, assim como “identificar intenções comunicativas de textos orais, designadamente perguntas, afirmações, exclamações apreciativas, ordens, pedidos”. (A.E,2018, p.6)

Em relação à gramática procurou-se estimular as regras de ortografia, fazendo a correspondência grafema-fonema e a utilização de sinais de escrita.

Na área da Matemática procurou-se “recolher organizar e representar dados qualitativos e quantitativos discretos utilizando diferentes representações e interpretar a informação representada”, assim como “resolver problemas envolvendo a organização e tratamento de dados em contextos familiares variados, comunicando raciocínios, procedimentos e resultados baseando-se nos dados recolhidos e tratados”(A.E,2018, p.11), através de percursos pedagógicos didáticos interdisciplinares com o Estudo do Meio e com as restantes áreas.

Ao nível da Educação Artística, e sobretudo pelo efeito visual do projeto, o projeto pautou-se por uma sensibilidade estética que segundo as A.E. estas aprendizagens poderão ser aproveitadas “pelos alunos em diferentes contextos, em ações práticas e experimentais e em projetos de trabalho (turma, escola, comunidade), individuais ou coletivos, podendo integrar transversalmente conteúdos de várias disciplinas desenvolvidos em ambientes físicos e digitais, formais e não formais”. (p.4)

Seguramente importante à elaboração do projeto foi o papel da professora cooperante dado o seu conhecimento da turma, conhecendo os seus interesses e vontades. Igualmente relevante, as instruções e sugestões transmitidas durante o estágio, que serviram para refletir e melhorar a prática.

Podemos concluir e após a análise aos dados, que as atividades corroboraram a questão norteadora deste relatório, evidenciaram que a área de Estudo do Meio devido ao seu potencial, integra múltiplas áreas e que as mesmas se relacionam intrinsecamente.

Ficou igualmente registado a importância atribuída pelos docentes ao Estudo do Meio, numa dimensão interdisciplinar, como foi referido pelo docente C, “nós tentamos articular entre os diversos ciclos e se existe uma matéria interessante de partilhar, com os outros anos assim o fazemos, inclusive com o Pré-Escolar para as crianças mais novas ficarem com o “bichinho”, do que vão aprender no ano seguinte”.

Esta afirmação sustenta precisamente que “as crianças em idade pré-escolar consigam construir saberes na área das ciências, que as habilitem a progredir em futuras aprendizagens”. (Martins, et al.,2009, p.8)

E são estas experiências resultantes da junção entre as várias disciplinas que potenciaram as atividades realizadas no projeto, a saber, “*puzzle* dos serviços”, “gráfico humano dos serviços” e um “passeio à beira-mar”, onde foi possível verificar o cariz

interdisciplinar, com que o projeto foi desenvolvido, articulando os conteúdos das diversas áreas e promovendo aprendizagens, como podemos verificar na análise à entrevista ao docente D, que afirmou que o projeto “foi um projeto de turma, pensado com os alunos, feito pelos alunos e sempre estiveram motivados e uma das formas que os motivou foram as tarefas desenvolvidas e tudo foi construído através da interdisciplinaridade, onde todas as áreas foram trabalhadas. Foi uma mais-valia, onde o projeto em si, foi um fio condutor para as atividades propostas”.

Por conseguinte, é importante salientar que a presente investigação permitiu compreender e verificar a relevância da área de Estudo do Meio, perante uma perspetiva interdisciplinar e que os ensinamentos teóricos defendidos sejam consumados durante a futura carreira docente, promovendo aprendizagens integradoras.

Capítulo VI: – Considerações Finais

Educar é semear com sabedoria e colher com paciência

(Augusto Cury)

Ao longo destes últimos cinco anos de vida acadêmica, muitos foram os desafios vividos, alguns, deveras inspiradores quer pelos conteúdos, quer pelas exigências. Sobretudo os dois últimos anos, a nível físico e emocional foram muito desgastantes, devido ao contexto de pandemia, que ainda hoje atravessamos, mudanças implícitas nas nossas vidas, a que ninguém ficou indiferente, inclusive na educação.

Apesar do contexto inóspito importa agora fazer uma retrospectiva do presente trabalho o que nos leva a refletir sobre esta última etapa, sendo que todo o percurso investigativo e teórico foi árduo e exaustivo, contudo compensador, porque permitiu aprofundar conhecimentos, especialmente por este tema, partilhando a busca de novos saberes que potenciassesem a minha futura prática docente, resultando num marco significativo para a minha identidade pessoal e profissional.

Segundo Alarcão & Tavares (2007)

(...) não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino (...) Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (p.8)

A importância atribuída à pesquisa é sustentada pelos autores como o desejo de saber mais, conhecer o desconhecido, pois permite melhorar e refletir sobre todo o contexto educativo, fundamental à prática docente. A prática pedagógica é então, segundo Gonçalves (2014) a iniciação dos “alunos no mundo da prática profissional docente e concretiza-se através de atividades diferenciadas ao longo da formação e em períodos de duração crescente e de responsabilização progressiva”. (p.2)

Este processo de formação é fundamental para o estudante, no sentido de experienciar o real e adquirir competências, que lhe permitam desempenhar a carreira docente com rigor e seriedade legítima. Importa referir, que durante o momento da prática, foi possível adquirir conhecimento, articulando a experiência pessoal com a

realidade pedagógica do contexto, o que serviu como estímulo para este trabalho final, resultando na investigação ao problema.

O presente relatório teve como base o projeto interventivo desenvolvido em contexto de prática pedagógica no âmbito da unidade curricular Prática de Ensino Supervisionada II (PES) numa turma de 2.º ano, com enfoque na problematização da área de Estudo do Meio.

O estágio permitiu observar e compreender, que a área de Estudo do Meio foi a menos abordada, não aproveitando o seu potencial interdisciplinar, privilegiando as áreas nucleares, o Português e a Matemática, como foi justificado quase de forma uniforme por alguns docentes.

Porém, quando questionados sobre o cariz interdisciplinar do Estudo do Meio, ficou um pouco mais claro a sua importância, valorizando o currículo como fator de articulação com as restantes áreas “a valorização está no currículo total, estabelecendo os paralelismos entre os vários conteúdos das várias disciplinas, mas neste momento não existe uma disciplina que se valorize mais ou menos”. (entrevistado A)

Assim e dada a natureza investigativa deste trabalho perante uma metodologia qualitativa, podemos concluir que o carácter subjetivo de cada entrevista, não permite generalizar. Contudo, os conceitos defendidos no enquadramento teórico permitem confirmar as conclusões obtidas, pois vêm sustentar a questão norteadora, dando a compreender e elucidar a importância da área de Estudo do Meio, numa perspetiva interdisciplinar.

Para isso é fundamental que os docentes reflitam sobre o enorme potencial que o Estudo do Meio provoca, na educação dos alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico, aperfeiçoando e desenvolvendo metodologias, que possibilitem recolher a essência do meio envolvente, como fonte inesgotável de recursos através de experiências, contribuindo para o desenvolvimento mental e afetivo da criança.

Dessa forma devem igualmente desenvolver ações integradoras de aprendizagem, potenciando a interdisciplinaridade, pois quanto mais gratificantes forem as atividades, mais significativas serão as aprendizagens, que segundo o CNEB, o professor deve proporcionar aos alunos oportunidades de se envolverem em aprendizagens significativas – isto é que partam do experiencialmente vivido e do conhecimento pessoalmente estruturado que lhes permitam desenvolver capacidades instrumentais cada vez mais poderosas para compreender, explicar e actuar sobre o Meio de modo consciente e criativo. (p.76)

Perante estes elementos podemos afirmar que ficou patente através desta investigação, que a área de Estudo do Meio permite uma articulação com as restantes áreas de conteúdo, ficando esse registo comprovado, nas diversas atividades desenvolvidas no âmbito do projeto interventivo.

Acredito que os momentos vividos na *praxis* foram bastante enriquecedores, pois ensinam-nos a refletir sobre as nossas ações e em como, as podemos melhorar, ou nem as repetir e apesar da experiência profissional, sempre existiu humildade e vontade de aprender. Fazendo uma retrospectiva dos últimos cinco anos, posso afirmar que cresci enquanto profissional e adquiri as competências necessárias, para a futura carreira docente, mas sempre com o intuito de fazer mais e melhor, nunca esquecendo a individualidade de cada criança e oferecendo-lhe um papel ativo na construção do seu conhecimento, promovendo um ambiente seguro onde se sinta confiante e integrada.

Referências bibliográficas:

Afonso, M. M. (2008). *A educação científica no 1.º ciclo do ensino básico: das teóricas às práticas*. Porto Editora.

Afonso, N. (2014). *Investigação Naturalista em Educação*. Fundação Manuel Leão.

Alarcão, I. & Tavares, J. (2007). *Supervisão da Prática Pedagógica - uma perspetiva de desenvolvimento e aprendizagem*. Almedina.

Amado, L. A. S. (2015). *O proeja e a proposta de integração curricular: dispositivos analisadores da educação*. Trabalho, Educação e Saúde. V. 13, 411-428.

Aprendizagens Essenciais – Articulação com o Perfil dos Alunos. (2018). *Estudo do Meio*, 2º ano – 1º ciclo do Ensino Básico. República Portuguesa Educação.

Aprendizagens Essenciais – Articulação com o Perfil dos Alunos. (2018). *Matemática*, 2º ano – 1º ciclo do Ensino Básico. República Portuguesa Educação.

Aprendizagens Essenciais – Articulação com o Perfil dos Alunos. (2018). *Português*, 2º ano – 1º ciclo do Ensino Básico. República Portuguesa Educação.

Aprendizagens Essenciais – Articulação com o Perfil dos Alunos. (2018). *Educação Artística – Artes Visuais*, 2º ano – 1º ciclo do Ensino Básico. República Portuguesa Educação.

Arends, R. (1995). *Aprender a ensinar*. McGraw-Hill.

Beane, J. (2003). *Integração curricular: a essência de uma escola democrática*. Currículo sem Fronteiras, v.3, n.2, 91 – 110.

Benavente, A.; Gather, M. & Perrenoud, P. (1994). *A Escola e a Mudança: Contributos Sociológicos*. Escolar Editora.

Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação, Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto Editora.

Bruner, J. (1977). *The process of education*. Harvard University Press

- Cardoso, C. (1998). (org.) *Gestão intercultural do currículo -1.º ciclo*. Secretariado coordenador dos programas de educação multicultural.
- Carvalho, G. Freitas, M. (2010). *Metodologia do Estudo do Meio*. Coleção Universidade. Plural Editores-Porto Editora.
- Correia, A. (2019). *Gestão de Emoções para Professores e Educadores*. Coleção Biblioteca do Educador 01.169. Livros Horizonte.
- Currículo Nacional do Ensino Básico (2007) – Competências Essenciais. Ministério da Educação. Departamento de Educação Básica.
- Cruy, A. (2016). *Pais brilhantes, alunos fascinantes*. Edições Pergaminho.
- Erickson, F. (1989). *Métodos Qualitativos de Investigación sobre la Enseñanza*. Ediciones Padiós Ibérica.
- Estrela, M. T. (1992). *Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula*. 3ª ed. Porto Editora.
- Ferrão, T. C. (2000) *Os Media e a aprendizagem*. Universidade Aberta.
- Formosinho, J. (2009). *Formação de Professores, Aprendizagem profissional e acção docente*. Porto Editora.
- Formosinho, J. Machado, J. (2008). Currículo e Organização as equipas educativas como modelo de organização pedagógica. *Currículo sem fronteiras*, v (8), 6. <https://www.curriculosemfronteiras.org>
- Gonçalves, A.C. (2014). *A Prática Pedagógica na Formação Inicial de Educadores e Professores no Contexto de Bolonha: Um Estudo de Caso*. Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa.
- Jesus, S. (2000). *Influência do Professor Sobre os Alunos*. Coleção Cadernos Pedagógicos. Edições Asa.
- Machado, J. Alves, J. (2014). *Escola para todos-Igualdade, Diversidade e Autonomia*. <https://repositorio.ucp.pt>

Martins, G., Gomes, C., Brocardo, J., Pedroso, J., Carrillo, J., Silva, L., & Rodrigues, S., (2017). *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*. República Portuguesa-Educação.

Martins, I., Veiga, M., Teixeira, F., Tenreiro-Vieira, C., Vieira, R., Rodrigues, A., Couceiro, F. Pereira, S. (2009). *Despertar para a Ciência – Atividades dos 3 aos 6*. Ministério da Educação. Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.

Martins, I., Veiga, M., Teixeira, F., Tenreiro-Vieira, C., Vieira, R., Rodrigues, A., Couceiro, F. (2007). *Educação em Ciências e Ensino Experimental*. Ministério da Educação. Direção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

Ministério da Educação (2004). *Organização Curricular e Programas (4ª edição)*. Ministério da Educação.

Moran, J. M. (2008). *Aprendizagem significativa*. Entrevista ao Portal Escola Conectada da Fundação Ayrton Senna.

Pacheco, J.A. (2001). *Currículo: Teoria e Práxis*. Porto Editora.

Pombo, O. (2004). *Interdisciplinaridade: Ambições e Limites*. Relógio D'Água Editores.

Pombo, O., Guimarães, H., Levy, T., (1993). *A Interdisciplinaridade: reflexão e experiência*. Texto Editora.

Quivy & Campenhoudt. (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2005). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Gradiva

Roldão, M. C. (1995). *O estudo do meio no 1. ciclo-fundamentos e estratégias*. (1.ª edição). Lisboa: Texto Editora.

Roldão, M. C. (1999). *Gestão Curricular – Fundamentos e práticas*. Ministério da Educação, Departamento da Educação Básica.

Roldão, M. C. (2004). *Estudo do meio no 1.º ciclo- Fundamentos e estratégias*. (2.ª edição). Texto Editora.

Roldão, M.C. (2018). *Gestão Curricular para a Autonomia das Escolas e Professores*. Direção Geral da Educação.

Silva, I. Marques, L. Mata, L. Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação/Direção Geral da Educação (DGE).

Trindade, R. Cosme, A. (2010). *Educar e Aprender na Escola*. Fundação Manuel Leão.

Zabalza, M. (1987). *Didáctica da Educação Infantil*. Coleção: Horizontes da Diáctica. Edições Asa.

Referências digitais:

<https://dicionario.priberam.org/interdisciplinar> consultado a 11/09/21

<https://silo.tips/download/2-breve-evoluao-historica-do-sistema-educativo>
consultado a 17/10/21

Legislação consultada:

Decreto-Lei n.º 43/2007. Diário da República. n.º 38/2007, Série I de 2007-02-22. Ministério da Educação.

Decreto – Lei n.º 55/2018. Diário da República n.º 129/2018, Série I de 2018-07-06. Ministério da Educação.

Decreto-Lei n.º. 344/89. Diário da República. n.º 234/1989, Série I de 1989-10-11. Ministério da Educação.

Portaria 336/88. Diário da República. n.º 124/1988, Série I de 1988-05-28. Ministério da Educação.

Apêndices

Bloco 1		Bloco2		Bloco 3	
O currículo		Valorização ou problematização da área de Estudo do Meio sob uma perspectiva interdisciplinar		Avaliação do projeto	
Questões	Objetivo	Questões	Objetivo	Questões	Objetivo
<p>1. Considera suficiente o tempo letivo atribuído ao Estudo do Meio e porquê?</p> <p>2. Sente que o tempo letivo influencia de alguma forma, a gestão dos conteúdos?</p> <p>3. Considera que é atribuída uma maior importância às outras áreas, em detrimento do Estudo do Meio, justifique?</p>	<p>Compreender a integração do Estudo do Meio em relação ao tempo letivo</p> <p>Perceber se o tempo disponibilizado à área de Estudo do Meio interfere na gestão do programa</p> <p>Verificar se existe preferência por alguma outra área em detrimento do Estudo do Meio</p>	<p>4. Qual a valorização que os professores do 1º ciclo atribuem ao Estudo do Meio, numa perspectiva interdisciplinar?</p> <p>5. Quais as dificuldades sentidas na inclusão da área de Estudo do Meio em contexto interdisciplinar?</p>	<p>Perceber se a área de Estudo do Meio é valorizada numa perspectiva interdisciplinar</p> <p>Compreender a realidade/versatilidade do professor ao deparar-se com novos desafios</p>	<p>1. /2. /3. /4. /5 (iguais)</p> <p>6. Considera que o projeto interventivo foi ou não influente nas aprendizagens da turma e de que forma?</p> <p>7. Como avalia o percurso do projeto interventivo?</p>	<p>Verificar se existiu influência do projeto nas aprendizagens da turma</p> <p>Compreender o desenvolvimento do projeto na globalidade</p>

Apêndice A – Guião das entrevistas

Apêndice B – Transcrição das entrevistas

Entrevistado A

1. Considera suficiente o tempo letivo atribuído ao Estudo do Meio e porquê?

Sim, é adequado, e sendo uma turma de 1º ano os alunos já possuem um conhecimento prévio do meio e pela minha experiência não tenho grandes dificuldades em cumprir o programa.

2. Sente que o tempo letivo influencia de alguma forma, a gestão dos conteúdos?

Não, neste momento estamos numa era em que preconizamos a multidisciplinaridade e por esse prisma, os tempos letivos acabam por ser adequados, porque nós conseguimos aproveitar a flexibilidade do programa para poder aplicar os conhecimentos e as competências previstas no programa de Estudo do Meio.

3. Considera que é atribuída uma maior importância às outras áreas, em detrimento do Estudo do Meio, justifique?

Tenho duas opiniões, a primeira acabo por concordar com essa afirmação na medida em que temos as áreas nucleares, como o Português e a Matemática e o Estudo do Meio, por um lado acaba por ficar em segundo plano, por outro lado o Estudo do Meio tem um programa que nos permite aplicar, explicar os seus conteúdos para as outras áreas e assim acaba por nunca ficar em segundo plano, porque acaba por ser transversal ao Português e à Matemática.

4. Qual a valorização que os professores do 1º ciclo atribuem ao Estudo do Meio, numa perspetiva interdisciplinar?

A valorização está no currículo total estabelecendo os paralelismos entre os vários conteúdos das várias disciplinas, mas neste momento não existe uma disciplina que se valorize mais ou menos. É um facto que se trabalharmos o Estudo do Meio de forma isolada podemos verificar até pelos manuais que o currículo é menos extenso, mas depois acaba por ser uma ferramenta válida, uma vez que capta o interesse dos alunos porque é baseado em factos que eles já conhecem, já existe um conhecimento prévio.

5. *Quais as dificuldades sentidas, na inclusão da área de Estudo do Meio em contexto interdisciplinar?*

Não sinto qualquer dificuldade em trabalhar nesses termos, inclusive na nossa escola existe o projeto Eco Escolas em que juntamos as turmas e as várias áreas de conteúdo num único projeto. As DAC são também outra ferramenta importante, pois conseguimos aplicar determinado conteúdo e aproveitar para as áreas todas, ou seja, o Português, a Matemática as Expressões.

Entrevistado B

1. *Considera suficiente o tempo letivo atribuído ao Estudo do Meio e porquê?*

Sim, porque o horário está dividido de acordo com o que é necessário e que está previsto, e tendo as coisas assim organizadas eu sigo o horário, ele está equilibrado dentro do que é exigido até porque há uma interdisciplinaridade, e se estamos a dar português recorremos ao Estudo do Meio, está tudo ligado.

2. *Sente que o tempo letivo influencia de alguma forma, a gestão dos conteúdos?*

Eu acho que tudo depende do ritmo de trabalho dos alunos, se houver um bom ritmo podemos acelerar o processo, ou podemos ficar mais tempo na aprendizagem de conteúdos, gerimos a situação conforme o grupo de trabalho, que temos à nossa frente e das necessidades que vamos sentindo nas crianças.

3. *Considera que é atribuída uma maior importância às outras áreas, em detrimento do Estudo do Meio, justifique?*

Não podemos falar em importância, temos de falar em grupo de trabalho que temos à nossa frente, se existir maior dificuldade numa determinada área eu vou recorrer mais tempo a essa área, mas sem tirar mais tempo a qualquer outra área, os conteúdos têm de ser dados na mesma, provavelmente vou trabalhar mais essa dificuldade durante esse tempo letivo, e vou gerindo assim as outras áreas também.

4. *Qual a valorização que os professores do 1º ciclo atribuem ao Estudo do Meio, numa perspetiva interdisciplinar?*

Não sinto valorização nem desvalorização, sinto que nós professores temos dificuldades em gerir a carga horária e vamos equilibrando, fazendo a planificação de acordo com o horário que temos. Eu preciso dessa carga horária para ir gerindo e orientando e não correr o risco de desvalorizar uma área em relação à outra.

5. *Quais as dificuldades sentidas, na inclusão da área de Estudo do Meio em contexto interdisciplinar?*

Não sinto dificuldade na inclusão da área de Estudo do Meio, até porque está tudo relacionado, quer a Matemática, as Expressões e o Estudo do Meio inclusive os próprios manuais estão todos interligados, portanto é impossível viver hoje em dia sem essa interdisciplinaridade. É sem dúvida uma mais-valia e faço da interdisciplinaridade uma prática diária.

Entrevistado C

1. *Considera suficiente o tempo letivo atribuído ao Estudo do Meio e porquê?*

É assim ao nível do 4º ano ainda não entramos em flexibilidade, logo não foi reduzido o tempo dado para o Estudo do Meio, portanto considero que tem sido suficiente para abordarmos todos os temas do programa.

2. *Sente que o tempo letivo influencia de alguma forma, a gestão dos conteúdos?*

Eu penso que sim porque ao entrarmos em flexibilidade curricular o programa do 4º ano é um pouco extenso e vai ser complicado abordar todos os conteúdos, com menos horas.

3. *Considera que é atribuída uma maior importância às outras áreas, em detrimento do Estudo do Meio, justifique?*

Sim, a importância está mais direcionada para o Português e para a Matemática, porque são duas áreas fundamentais para a progressão em qualquer nível de ensino e realmente era necessário um pouco mais de tempo para as lecionar, se calhar não tanto a português, porque o programa não é tão extenso, mas a matemática torna-se fundamental e por isso se tem dado menos tempo ao Estudo do Meio.

4. *Qual a valorização que os professores do 1º ciclo atribuem ao Estudo do Meio, numa perspetiva interdisciplinar?*

Nós tentamos um bocado articular entre os diversos ciclos e se achamos que existe uma matéria interessante de partilhar com os outros anos, assim o fazemos inclusive com o Pré-Escolar para as crianças mais novas ficarem com o “bichinho” do que vão aprender no ano seguinte. Nesta escola temos por hábito trabalhar em interdisciplinaridade entre as áreas de conteúdo e os diversos ciclos.

5. *Quais as dificuldades sentidas, na inclusão da área de Estudo do Meio em contexto interdisciplinar?*

Não sinto qualquer dificuldade na inclusão do estudo do Meio, por exemplo em História realizamos cronogramas, cronologias e a matemática aqui está implícita e o português, na escrita e na leitura. Também os computadores vieram dar uma preciosa ajuda, sobretudo na pesquisa, o que faz com que o português seja também trabalhado.

Entrevistado D

1. *Considera suficiente o tempo letivo atribuído ao Estudo do Meio e porquê?*

É assim, o tempo letivo não é muito abrangedor porque houve uma reorganização das diferentes áreas e ao Estudo do Meio só coube hora e meia, todavia a questão da interdisciplinaridade onde trabalhamos o Estudo do Meio com as outras áreas acabamos por não sentir tanto essa redução no horário.

2. *Sente que o tempo letivo influencia de alguma forma, a gestão dos conteúdos?*

Acho que não, porque a área de Estudo do Meio é uma área onde os alunos estão sempre motivados e gostam de aprender e depois aliando o Português e a Matemática à área de Estudo do Meio acaba por não ser notória essa redução de horário.

3. *Considera que é atribuída uma maior importância às outras áreas, em detrimento do Estudo do Meio, justifique?*

Isso sim, sem dúvida, o Português e a Matemática são sempre áreas disciplinares onde há mais foco e onde há mais tempo letivo, por isso a área de Estudo do Meio em termos de horas fica sempre mais reduzido, sem dúvida que sim. E como o programa de

Português e sobretudo o de Matemática são mais extensos, é necessário cumprir o programa.

4. *Qual a valorização que os professores do 1º ciclo atribuem ao Estudo do Meio, numa perspetiva interdisciplinar?*

Para mim é uma área valorizada e não é por ter menos carga horária, que deixa de o ser. Todos os anos letivos têm a sua importância e acho que realmente todos os conteúdos são explorados de forma correta. Consegue-se trabalhar muito bem o Estudo do Meio com o Português e com a Matemática e nem se nota a diferença na carga horária, que varia entre os vários ciclos.

5. *Quais as dificuldades sentidas, na inclusão da área de Estudo do Meio em contexto interdisciplinar?*

Para mim é sempre mais fácil fazer a interdisciplinaridade entre o Estudo do Meio e o Português, porque ao analisar textos tem tudo a ver, com a Matemática também se consegue, tem é de ser devidamente planeadas e planificadas e a partir daí com todas as áreas se consegue e que essa situação seja conseguida com sucesso.

6. *Considera que o projeto interventivo foi ou não influente nas aprendizagens da turma e de que forma?*

Sim, sem dúvida, foi um projeto de turma, pensado com os alunos, feito pelos alunos e sempre estiveram motivados e uma das formas que os motivou foram as tarefas desenvolvidas e tudo foi construído através da interdisciplinaridade onde todas as áreas foram trabalhadas, tendo o projeto como base e isso motivou-os nas aprendizagens, estavam sempre prontos para trabalhar no projeto, inclusive perguntavam várias vezes quando era o dia de trabalhar no projeto. Foi uma mais-valia, onde o projeto em si, foi um fio condutor para as atividades propostas.

7. *Como avalia o percurso do projeto interventivo?*

Como todos os projetos, teve o princípio o meio e o fim. Foi planeado havendo um diálogo com os alunos, onde foi explicado o projeto, para que servia e em que contexto iria ser desenvolvido. Depois foram realizadas as atividades enquadrando

sempre com as outras áreas e com os temas do programa do 2º ano. Por fim viram o produto final, fazendo a retrospectiva do que tinham realizado ao longo do projeto. Foi um trabalho bastante bom.

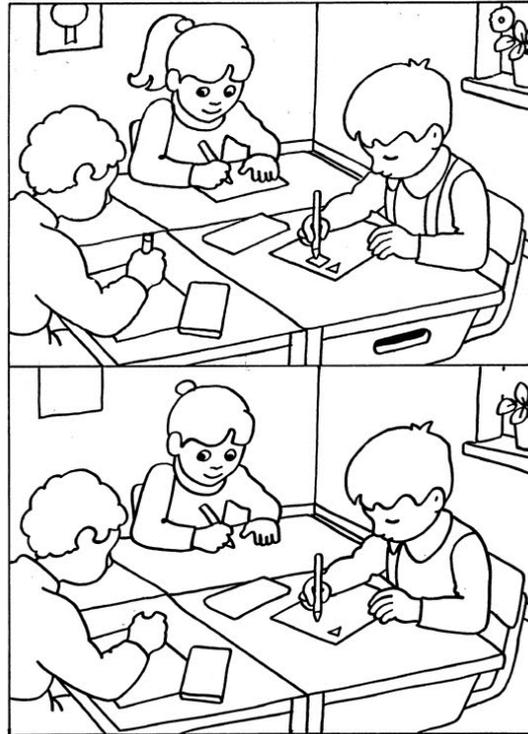
Anexos

Nome: _____

Data: _____

2ºano

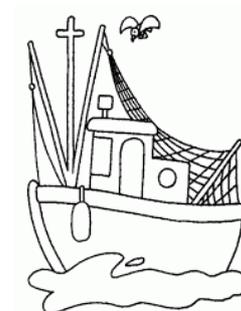
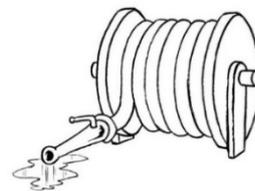
1 – Descubra as diferenças na figura e assinala-as com uma cruz (X), de seguida pinta com lápis de cor.



2- Qual a instituição aqui representada?

3 – O que gostavas de ser, quando fores adulto?

4 – Relaciona cada profissão, com o instrumento de trabalho de cada um e ilustra as figuras.



Bom trabalho



Figura 2 - Ficha formativa sobre profissões e serviços

Nome: _____ Data: _____ 2ºano



Organização e tratamento de dados

1. Preenche a tabela corretamente:

Serviços	Contagem	Total
Biblioteca		
Bombeiros		
Escola		
Hospital		
Polícia		

1. Pinta, com cores diferentes, o gráfico de barras conforme os dados preenchidos na tabela anterior:

Número de Alunos	24					
	23					
	22					
	21					
	20					
	19					
	18					
	17					
	16					
	15					
	14					
	13					
	12					
	11					
	10					
	9					
	8					
	7					
	6					
	5					
	4					
	3					
	2					
	1					
Serviços	Biblioteca	Bombeiros	Escola	Hospital	Polícia	

2. Observa o gráfico de barras e responde:
- 2.1. Quantos alunos participaram neste inquérito?
 - 2.2. Qual o serviço mais importante?
 - 2.3. Qual o serviço menos importante?

Figura 3 - Ficha formativa “Gráfico humano dos serviços”

Nome: _____ Data: _____ 2º ano

Um passeio à beira-mar

A professora Rita e o marido Manuel trabalham na Cidade arco-íris. O Manuel é médico e trabalha nas urgências do hospital.

As suas profissões são muito importantes e quando têm tempo livre gostam de passear.

Costumam ir almoçar ao restaurante da Cidade arco-íris, que fica em frente ao mar. É habitual comerem peixe grelhado, porque é mais saudável.

Depois do almoço, se o tempo estiver bom, dão caminhadas à beira-mar. Depois da caminhada, gostam de ficar a ver o sol desaparecer devagarinho.

Os dois adoram estar perto do mar a ouvir o barulho das ondas e olhar para as gaivotas.

No fim do dia vão para o carro e regressam a casa.

1 – Responde às questões:

1.1 – Quem são as personagens principais da história?

1.2 – Onde é que o casal gosta de ir passear?

1.3 – Como regressam a casa?

2– Sublinha e escreve de acordo com o que é pedido:

2.1 - Sublinha a azul, o primeiro parágrafo do texto.

2.2 – Escreve a última palavra do 3º parágrafo.

2.3 – Quantos parágrafos tem o texto?

2.4 – Quantas frases formam o 4º parágrafo?

Figura 4 - Ficha formativa “Um passeio à beira-mar”

Anexo I – Declaração de autorização de depósito no repositório comum



ANEXO I

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DE DEPÓSITO NO REPOSITÓRIO COMUM Decreto-Lei n.º 115/2013, de 7 de agosto

Considerando que a legislação em vigor referente ao depósito legal de dissertações e teses - artigo 50.º, do Decreto-Lei n.º 115/2013, de 7 de agosto, obriga ao depósito de uma cópia digital das teses e outros trabalhos de doutoramento e das dissertações de mestrado num repositório integrante da rede RCAAP - Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal, o(a)

Isabel Cristina de Almeida Xavier Palácio
Portador do Cartão de Cidadão n.º 10536965

Autor do Trabalho de Projeto / Relatório Final / Dissertação de Mestrado

Intitulado/a: A abundância do Estudo do Ijeio numa prática interdisciplinar: Perspetivas de docentes do 1.º ciclo do Ensino Básico
Concluído/a em 29/10/21

Declara, sob compromisso de honra, que:

1. O Trabalho de Projeto / Relatório final / Dissertação entregue e que conduziu à atribuição do grau é um trabalho original e detenho todos os direitos de autor;
2. Concedo ao Instituto Piaget, entidade instituidora da Escola Superior de Educação Jean Piaget de Almada, uma licença não-exclusiva para a/o arquivar e tornar acessível em formato digital no Repositório Comum, ou em qualquer outro repositório que a Instituição venha a utilizar, com o seguinte estatuto:

Acesso aberto

Acesso restrito

Acesso fechado

Acesso Embargado¹ até ___/___/___

Email: isabelpalacio19@gmail.com Contacto tlf: 966740968

Data: 29/10/21

Assinatura: Isabel Palácio

¹Após a data indicada, o documento fica disponível em Acesso Aberto.

Anexo II – Licença de distribuição não exclusiva – repositório comum



Instituto
PIAGET

ANEXO II

LICENÇA DE DISTRIBUIÇÃO NÃO EXCLUSIVA – REPOSITÓRIO COMUM

Ao depositar no Repositório Comum, os autores devem concordar com a seguinte licença de utilização:

LICENÇA DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

Ao depositar um documento no Repositório Comum, o/a Sr./Sra.:

Isabel Cristina de Almeida Xavier Pêloio

- a) Concede à FCCN o direito não-exclusivo de reproduzir, converter (como definido em baixo), disponibilizar, comunicar e/ou distribuir o documento entregue (incluindo o resumo/abstract) em formato digital, no quadro e para os fins e objetivos do projeto RCAAP.
- b) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que detém o direito de conceder à FCCN os direitos referidos na alínea anterior ou que obteve do respetivo titular as necessárias permissões para essa concessão.
- c) Declara que a concessão à FCCN dos direitos referidos na alínea a), não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade e que o conteúdo do documento disponibilizado não viola direitos de terceiros.
- d) Declara acautelar que os documentos por si disponibilizados não contêm informações sigilosas ou confidenciais relativas à sua atividade educativa ou profissional, nomeadamente em termos de marcas, patentes ou segredos industriais ainda não registados ou atribuídos pelas entidades competentes.
- e) Declara que os documentos contêm todas as referências bibliográficas, editoriais, e a referência aos respetivos programas financiadores e apoios institucionais (se aplicável).

A FCCN identificará claramente o(s) autor(es) do documento entregue, e não fará qualquer alteração, para além das permitidas por esta licença.

O autor pode solicitar que o seu documento seja retirado do Repositório Comum.

Data: 29/10/21

Assinatura: Isabel Pêloio